n. 40 2021

SOUZA EAD
Revista Acadêmica Digital

Periodicidade - Mensal



ÍNDICE

Editorial **03**

PSICOMOTRICIDADE E LUDICIDADE COMO FERRAMENTAS DE AUXÍLIO NA SÍNDROME DE RETT. **05**
ALCANTARA, Adrimária Custódio de. Págs. 05 – 18.

REFLEXÕES FILOSÓFICAS ACERCA DO CONCEITO DE GESTUS NO TEATRO DE BERTOLT BRECHT. **19**
SILVA, Danilo Salustiano da. Págs. 19 – 36.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: DISTURBIOS NO CAMPO EDUCACIONAL. **37**
TELES, Josiane; GUILARDUCCI, Tardiane Costa Neiva.
Págs. 37 – 53.

A DINAMIZAÇÃO DA LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I. **54**
FERREIRA JÚNIOR, Wandeclebson; GUILARDUCCI, Tardiane Costa Neiva. Págs. 54 - 63

A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E SUA IMPORTÂNCIA PRÁTICA NA COORPORAÇÃO MILITAR. **64**
MOTA, Flávio Alves; GUILARDUCCI, Tardiane Costa Neiva.
Págs. 64 – 73.

A IMPORTÂNCIA DE ESTABELECER LIMITES COMPORTAMENTAIS DESDE A INFÂNCIA. **74**
ROCHA, Anelise Trindade. Págs. 74 – 86.

Editorial

PLÁGIO: a comodidade que fere a ética

O Trabalho de conclusão de curso (TCC), normalmente, encerra as atividades acadêmicas, objetivando dar oportunidade aos alunos de demonstrar o conhecimento apreendido durante o curso.

Ao longo da vida acadêmica, o aluno deveria ter sido capacitado a proferir as opiniões, de autores referenciados, com as suas próprias ideias. Quando os discentes mencionam nas suas atividades, frases utilizadas por autores e coloca as suas propostas sobre o assunto, entende-se que há o domínio da arte de fazer articulações intelectuais.

Quando o aluno retira as informações de obras alheias, sem dar o devido mérito ao mesmo, não citando-o como referência ou fonte de pesquisa, ele está apresentando um artigo produzido, com plágio acadêmico, pois, há a violação moral e a dos direitos autorais de outrem e, assim sendo, é considerado como um grave ilícito contra a propriedade intelectual.

A prática do plágio torna-se um problema na educação, quando se observa o mau uso da internet, para a busca de informações durante a construção do artigo. O recurso de busca encontra com agilidade os mais diversos assuntos sobre o tema proposto, tornando a pesquisa rápida e de fácil apropriação. Aliada a essa extensa lista de disponibilidade de informações, há a possibilidade de se ter acesso a elementos que não possuem aval de autores acadêmicos, instigando ao questionamento acerca da veracidade, idoneidade do trabalho e, assim sendo, tornando duvidosa a credibilidade do conteúdo apresentado no artigo.

Na realidade, o que se espera é que o aluno escreva com as suas próprias palavras de modo a explicar todas as citações e, indicar as fontes no próprio texto, de acordo com as normas da ABNT. A ética é a reflexão crítica sobre a diversidade do comportamento humano moralmente

aceitos. Deste modo, o aluno que realiza o plágio, se esbarra na ética acadêmica, pela falta de conduta durante a produção científica, ferindo os parâmetros éticos-sociais e éticos-culturais.

É dado o direito do autor plagiado, entrar na justiça, requerendo o direito e o poder sobre o seu bem e, pedir indenização pelos danos, entorno da constatação do plágio.

A FaSouza dispõe de ferramentas para detectar o plágio. Ela preza o compromisso para com o aluno, com as produções acadêmicas, com a verdade e a ética. Para tanto, os tutores são orientados para avaliar os artigos com o uso dos computadores, bases de dados, Internet, e software adequado, resguardando o respeito ao pensamento e os textos produzidos por outrem.

Boa Leitura

Marcos Alexandre de Souza

Diretor Geral da Faculdade Souza

PSICOMOTRICIDADE E LUDICIDADE COMO FERRAMENTAS DE AUXÍLIO NA SÍNDROME DE RETT

ALCANTARA, Adrimária Custódio de.[1]

RESUMO

O presente artigo buscou em seu contexto bibliográfico fazer um levantamento bibliográfico e teórico acerca da forma como o psicopedagogo e educadores entendem a Síndrome de Rett, apresentando uma pesquisa inicialmente ligada as origens desta doença e como a mesma pode ser revertida e minimizada com o auxílio da psicomotricidade e da ludicidade. Para isso, alguns autores se fizeram com maior ênfase como Souza (2009), Santo (2013), Périco et. al (2015) e os Sites Minha vida e Associação Brasileira de Psicomotricidade (2018), que ainda buscaram um breve estudo ligado a Legislação Inclusiva Nacional e outras pesquisas que se fizeram importante para que a metodologia se desse por completa. Os objetivos centraram-se me levar informações acerca da Síndrome de Rett e como algumas ferramentas podem auxiliar no trabalho em sala de aula. A problemática centrou-se em conceituar tal síndrome e a justificativa ainda apontou elementos psicopedagógicos importantes bem como que a mesma é característica de meninas, raramente ocorrendo em meninos. Tudo isso levou a resultados e discussões que apresentaram rápidas contribuições, mas que, com a devida leitura das referências, pode ser uma ferramenta chave na facilidade da atuação do psicopedagogo diante de meninas com Síndrome de Rett.

Palavras-chave: Síndrome de Rett. Psicomotricidade. Ludicidade. Psicopedagogo. Facilitadores.

INTRODUÇÃO

Pensar na política educacional atual, sem falar na educação especial, assim como a inclusão é não ver este processo como aquele que tanto esperávamos que ocorresse e, pela demora na legislação nacional, acabou por ocorrer a pouco tempo com a "Declaração de Salamanca". Isso leva a uma ampla reflexão sobre como a educação atual está preparada para receber crianças com necessidades especiais diversificadas e, acima de

[1] Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Estácio de Catanduva - SP - UNISEB (2016); e-mail: adrimaria.alcantara@hotmail.com.

tudo, se a sociedade já deixou de ter piedade para pensar em algo que seja feito de bom para estas crianças.

Quando falamos na Síndrome de Rett, muitas dúvidas giram em torno da mesma, em especial quando esta começa a agir em meninos, pois sabe-se que a mesma ocorre em meninas e, as pessoas dentro de ambientes pedagógicos começam a ter diversas dúvidas quando apenas deveriam pesquisar sobre o conteúdo e agir em relação ao mesmo como algo normal e, que precisa apenas ser entendido.

É por este motivo que este artigo, deve ser entendido como importante e necessário, pois todas as vezes que um psicopedagogo ou até mesmo uma pessoa leiga ouvir sobre o assunto, estes devem saber os detalhes desta síndrome, bem como sua ocorrência, para não proferirem palavras indevidas relacionadas ao assunto.

Inicialmente entendida como uma doença neurológica que afeta indivíduos do sexo feminino (aproximadamente 1 em cada 10.000 a 15.000 meninas nascidas vivas), em todos os mais diversos grupos étnicos e algo clinicamente caracterizada pela perda progressiva das funções neurológicas e motoras após um período de desenvolvimento considerado "normal" (que vai de 6 a 18 meses de idade) esta síndrome, após este período vai debilitando as meninas (inicialmente a fala, capacidade de andar e uso intencional das mãos são perdidas gradativamente) dando lugar a estereotipias manuais (movimentos repetitivos e involuntários das mãos), que é característica marcante da doença.

Com esta explanação inicial, inicia-se uma série de discussões relacionadas ao assunto e, como isso, este trabalho vem como proposta de uma definição sobre o que pode ser esta síndrome, assim como suas intervenções (se houver), cuidados e como um ambiente escolar pode estar preparado para receber este tipo de aluno, bem como ainda

pretende-se fazer um levantamento das leis de inclusão e como as mesmas auxiliam na melhoria de ações sociais.

Para isso, este trabalho está dividido em algumas partes elaboradas com o objetivo e forma de texto dissertativo expositivo, com o intuito de demonstrar aos leitores, através de uma linguagem mais singela, como as meninas com Síndrome de Rett (SR), podem ser estimuladas em um ambiente escolar, através de trabalhos pedagógicos diferenciados.

Isso é o que se apresenta e está descrito nas próximas linhas.

BREVES DEFINIÇÕES PARA A SÍNDROME DE RETT

Quando o tema é a Síndrome de Rett, muitas dúvidas giram em torno, em especial por ser uma doença categoricamente específica de meninas, mas que pode ocorrer raramente em meninos e tudo isso tem uma definição inicial que pode ser entendida da seguinte forma:

> A síndrome de Rett é uma doença neurológica que afeta principalmente o sexo feminino (aproximadamente 1 em cada 10.000 a 15.000 meninas nascidas vivas), em todos os grupos étnicos. Clinicamente é caracterizada pela perda progressiva das funções neurológicas e motoras após um período de desenvolvimento aparentemente normal, que vai de 6 a 18 meses de idade. Após esta idade, as habilidades adquiridas (como fala, capacidade de andar e uso intencional das mãos) são perdidas gradativamente e surgem as estereotipias manuais (movimentos repetitivos e involuntários das mãos), que é característica marcante da doença (MONNERAT, 2009, p. 1).

Esta proposta de análise inicial faz o psicopedagogo avaliar uma série de condições ligadas ao Atendimento Educacional Especializado, pois trata-se de uma forma de entender e contribuir para melhorias educacionais destas crianças, pois por haver a educação inclusiva e suas diversas legislações é que esta síndrome deve ser entendida de acordo com NADAL, 2011, p. 1 que é uma doença neurológica provocada por uma

mutação genética que atinge, na maioria dos casos, crianças do sexo feminino. Caracteriza-se pela perda progressiva de funções neurológicas e motoras após meses de desenvolvimento aparentemente normal – em geral, até os 18 meses de vida. Após esse período, as habilidades de fala, capacidade de andar e o controle de usos das mãos começam a regredir, sendo substituídas por movimentos estereotipados, involuntários ou repetitivos. Palavras aprendidas também são esquecidas, levando a uma crescente interrupção do contato social. A comunicação para essas meninas gradativamente se dá apenas pelo olhar.

Como pode ser lido na citação acima, esta doença é popularmente conhecida como degenerativa e, consequentemente, tende a fazer com que as meninas, em especial (isso não quer dizer que meninos também não a tenham, só que em menores quantidades), devido a uma mutação genética, perdem progressivamente as funções neurológicas e motoras até aproximadamente os seus 18 meses de vida, sendo que depois disso, os movimentos começam a serem estereotipados, esquecidos, involuntários e até repetitivos.

A informação acima já remete outras informações que definem esta doença como algo que, mesmo reconhecido nos anos 80, é algo que pode ocorrer em qualquer tipo de etnia ou família, sem ligações sanguíneas e, sempre ocorre em crianças do sexo feminino, sendo raros a possibilidade dos casos se repetirem na mesma família, sendo que a mutação genética ocorre no gene MECP2, sendo que durante os últimos vinte e cinco anos, esta doença tem evoluído muito em tratamentos e descobertas, sendo que no mesmo *site* há a informação que "a cada 5 cinco horas nasce uma menina com síndrome de Rett no mundo", sendo algo que devemos nos atentar e, até mesmo procurar a origem da mesmo o quanto antes para podermos fazer um tratamento mais significativo na vida destas crianças.

A origem do nome da Síndrome, sendo que tal informação ainda pode ser complementada com a seguinte:

> Entre o final da década de 1950 e início da década de 1960, dois médicos europeus, em diferentes situações e circunstâncias, começaram a reconhecer e a se interessar pelo quadro clínico de uma determinada condição (que mais tarde viria a ser conhecida como a Síndrome de Rett). Um deles foi o Dr. Andréas Rett, médico pediatra vienense (Áustria), que identificou algumas crianças do sexo feminino que apresentavam um padrão peculiar de expressão do desenvolvimento neurológico [...] Com essas observações devidamente registradas, o Dr. Andreas Rett viajou por toda a Europa, participando de diversos encontros científicos, com o objetivo de despertar o interesse da comunidade científica para as suas observações e de levantar junto a outros médicos se eles tinham pacientes com características clínicas similares às que ele havia observado. A grande parte da produção científica do Dr. Andréas Rett foi escrita em alemão e publicada em periódicos médicos locais de Viena. Sua única produção em língua inglesa foi publicada em um Manual de Neurologia Clínica, e nesse texto ele ainda associava a desordem que havia observado com presença de hiperamonemia (ABRE-TE, 2018, p. 3).

Ainda houveram outras pesquisas que acabaram por desencadear no diagnóstico da doença e com elas diversas formas de analisar e entender a mesma, sendo assim, atualmente tem-se várias formas de entender o quanto esta doença pode ser ou não conhecida para que a garota que vier a ter a mesma, em especial na fase escolar receba diversos estímulos para não esquecer o que fora aprendido.

Essa informação ligada a definição da doença requer mais atenção ainda mais quando este autor vem complementar a informação acima com outras notas que fazem-nos refletir sobre causas e consequências.

Com essa outra visão relacionada a definição sobre a síndrome de Rett, tem-se mais uma abrangente ideia relacionada ao tema e, com isso estes conceitos auxiliam na melhoria da informação necessária para um melhor desenvolvimento das pesquisas que podem auxiliar familiares e

demais envolvidos, como a escola e o psicopedagogo, por exemplo, que há pouco tempo está recebendo este tipo de criança em seu meio devido a inclusão, sendo que isso leva a mesma a buscar conhecimento em vários conceitos e, mediante os mesmos, as transformações pedagógicas vão ocorrendo.

Porém, ainda há que se registrar mais uma importante definição para esta doença, do renomado Dr. Dráuzio Varella, cujo informa que:

Como pode ser observado essas definições iniciais são de suma importância, uma vez que o autor informa que há outras formas de entender a doença e acompanhar seu quadro evolutivo, bem como ainda pode ser entendido que os meninos talvez não demonstrem a mesma devido ao quadro respiratório que se instala nos mesmos, já as meninas podem viver muitos anos e, ainda conseguirão interagir socialmente.

Assim, o que fica entendido com essas breves definições é que há várias maneiras de entendermos esta doença/síndrome, sendo necessidade de o psicopedagogo avaliar, pesquisar e adequar o conhecimento a sua realidade, transformando isso em algo novo e comprometedor.

A psicomotricidade e a ludicidade: intervenções favoráveis

Uma mãe, uma família, uma criança, vidas que se entrelaçam e se unem em prol de uma nova situação que é a descoberta sobre uma linda garotinha que descobre estar com uma doença, considerada irreversível como é a Síndrome de Rett e a pergunta que não quer calar neste primeiro momento é o que/como agir.

A primeira ação após a compreensão é analisar como iniciar os procedimentos e, pensando nisso a psicomotricidade é algo que, após o psicopedagogo estudar, analisar e compreender sobre as orientações acima, tem muita condição de dar certo e, com ela, podemos somar as

brincadeiras, pois com elas unidas a criança diagnosticada com essa síndrome, uma vez que a mesma tende a "atrofiar" os músculos infantis, essa seria uma proposta interessante, tudo isso porque acabamos por entrar no lúdico e, com ele teremos vários estímulos, além de ser algo garantido em legislação.

Isso faz com que pensemos na inclusão escolar e na sua demanda atual como uma nova ferramenta de apoio para as dinâmicas em sala de aula e, ainda devemos levar em consideração que a criança especial, poderá vivenciar as brincadeiras e a psicomotricidade de forma sutil e, em qualquer ambiente em que ela estiver.

O que temos na citação acima é a demonstração de que as coisas podem ser respaldadas por lei e que nenhum educador precisa ficar preocupado se algum responsável por outra criança não gostará deste tipo de atividade, mesmo porque também é uma forma de aprendermos a ler e a escrever tendo as teorias como uma forma de brincar e, ainda como é sabido por todo educador, as brincadeiras e os jogos ainda ensinam normas e regras onde a criança aprende brincando.

Analisando as duas citações observa-se que a criança especial tem passado por diversos tipos de proteção e mudanças rigorosas em suas leis, uma vez que os processos relacionados a prática da educação inclusiva estão se tornando cada vez mais ligados ao processo internacional, onde o governo tem apostado muito nas melhorias e, mesmo com as resistências em escolas, a criança com necessidades especiais está cada vez mais frequentando as escolas regulares.

Desta forma, a criança precisa de uma educação cada vez melhor e, com isso, os professores precisam se unir e preparar cada vez mais uma melhoria educacional e capacitações que envolvam a educação inclusiva em suas práticas e, com isso, eles acabarão por entender que a criança portadora de necessidades especiais é um ser tão maravilhoso que precisa

estar sempre com cuidados diferenciados e, pensando nisso, a educação acaba sendo diferenciada e proativa, pois para um professor viver e se considerar um bom educador ele gosta de desafios e, ver uma criança especial somando coisas simples como uma letrinha ou formando uma palavra já é algo significativo e, se tratando de uma criança com síndrome de Rett, isso certamente será algo importante tanto para a criança quanto para pais, psicopedagogos e educadores como um todo, pois ver aquele rostinho sorrindo é maravilhoso.

Tudo isso precisa de uma maior informação e, dentro deste processo onde a brincadeira precisa acontecer é importante pensar nela como um processo psicomotor, mas como isso pode acontecer? Primeiramente necessita-se entender a psicomotricidade de acordo com Fonseca (2004, p. 13),

> O termo psicomotricidade foi usado, oficialmente, pela primeira vez na França por Dupré, com estudos que começaram a se destacar em 1920, com intuito de evidenciar essa integração das habilidades motoras com as habilidades afetivas e cognitivas. A organização das posturas psíquicas e motoras permitem um crescimento amplo e pleno dos indivíduos, consequentemente, permitindo o gerenciamento de mobilidade corporal e, igualmente, aprimoramento social e desenvolvimento intelectual, ou seja, cognitivo. A psicomotricidade se refere ao relacionamento da afetividade e do pensamento com a mobilidade corporal. Ela oferece ênfase à unidade da educação dos movimentos, simultaneamente em que colocam em jogo as funções intelectuais (FONSECA, 2004, P. 13)

A psicomotricidade precisa ser avaliada e entendida dentro do desenvolvimento cognitivo e, com ela, muitos conceitos precisam ser avaliados e aprendidos, assim como a educação é algo tão abrangente que, se ligada ao conceito de psicomotricidade e ludicidade encontram outros conceitos que precisam ser aprendidos, afinal a criança pode ser entendida como algo que se constrói, dinâmico e inovador que pode aprender sob diversos ângulos.

Sendo assim, compreender este termo é um desafio e, pensando em desafio deve-se pensar na educação psicomotora e, com ela, a ludicidade que já fora algo comentado neste capítulo, mas que merece alguns pensamentos mais complementares como, por exemplo, novas formas de cuidar de crianças especiais.

Vejamos o quanto essa situação é importante e precisa ser detalhada, pois após buscarmos uma definição que caracterize a psicomotricidade, inserindo-a a ludicidade como um processo favorável no desenvolvimento neuromotor de crianças especiais e, pensando em tudo o que está escrito acima em uma forma de conceito psicopedagógico diversificado, relacionado ao tratamento da criança com síndrome de Rett fica claro que as mudanças no ambiente escolar precisam acontecer e, que, acima de tudo, além de pessoas que acompanhem este processo, a escola é o ambiente que precisa de melhorias constantes, inclusive de capacitações docentes.

METODOLOGIA

Para que o presente artigo fosse redigido e consoante aos fatos já narrados acima, fora utilizada uma pesquisa de caráter científico e com escora em livros, jornais e revistas (em especial a das bibliotecas virtuais da USP, UNESP, USFCAR e UNICAP), sendo que a função específica não fora apenas pesquisar e coletar dados, mas levar a autora a um estudo e maior compreensão do papel de psicopedagogo em relação aos estudos que foram realizados e a compreensão dos mesmos.

Sendo assim, a autora ainda buscou realizar os trabalhos e trazer para o artigo em construção, o levantamento dos fatos e a realidade de uma síndrome que, em certas regiões e para certas pessoas é pouco

conhecida, principalmente no ambiente escolar, sendo que, isso levou vários autores a serem alinhados e tratados neste texto e, com isso, as discussões e resultados servem como base para a junção de todas as linhas acima utilizadas.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS LIGADOS AO TEMA

Algo raro e tema de poucos estudos a Síndrome de Rett é algo que requer uma diferenciação e abarca uma série de discussões sendo que, abaixo será avaliado apenas uma súmula do muito que fora aprendido.

Algo que merece destaque neste momento é que os Sintomas da síndrome de Rett.

> A maioria dos bebês com síndrome de Rett parecem desenvolver-se normalmente nos primeiros meses de vida, mas, depois do 6º mês, os primeiros sintomas começam a aparecer. Ao longo do tempo, as crianças que nascem com a doença passar a desenvolver problemas crescentes com movimentos, coordenação e comunicação, podendo, inclusive, prejudicar a capacidade de usar as mãos, andar e, de comunicar-se com outras pessoas (MINHAVIDA, 2018, p. 1).

Essa informação importante é uma forma de entender a amplitude que ganha o termo psicomotricidade e sua gama de informações ligadas ao que pode condicionar o aprendizado e, ainda quando essa informação se complementa com as palavras abaixo:

> A Psicomotricidade existe nos menores gestos e em todas as atividades que desenvolve a motricidade da criança, visando ao conhecimento e ao domínio do seu próprio corpo. Por isso dizemos que a mesma é um fator essencial e indispensável ao desenvolvimento global e uniforme da criança. A estrutura da Educação Psicomotora é a base fundamental para o processo intelectivo e de aprendizagem da criança. O desenvolvimento evolui do geral para o específico; quando uma criança apresenta dificuldades de aprendizagem, o fundo do problema, em grande parte, está no nível das bases do desenvolvimento psicomotor (BOULCH, 1986, p. 29).

Ao ligar a mesma com a ludicidade observou-se ainda que:

> A composição da psicomotricidade engloba aspectos cognitivos e motores de modo integrado, ou seja, na via da psicomotricidade o conjunto de habilidades motoras desenvolve-se concomitantemente com a linguagem, estruturas cognitivas e afetivas, tornando fundamental compreender o movimento e o pensamento em unidade, nesta linha de conhecimento rompe-se com o dualismo cartesiano herdado de perspectivas religiosas que influenciavam na ciência de teorias anteriores (PÉRICO et. al. 2015, p. 3).

Ainda há que:

> Nem é preciso dizer o quanto a creche (quando necessária) e a Educação Infantil são benéficas para uma criança com SR. É a fase de vida em que, se essa criança apresenta bom estado geral de saúde, ela mais precisa de ambientes que auxiliem o seu desenvolvimento. Como para qualquer outra criança, brincar é fundamental. Nessa fase, todas as atividades devem ser propostas para essa criança em ambiente emocional seguro, e envolver suas próprias potencialidades, desejos e necessidades, em um programa educacional essencialmente individualizado (SANTOS, 2013, p. 45).

Há várias outras informações que complementam este tópico, porém o espaço de laudas não permite que ocorram maiores incorporações, sendo assim, as discussões e resultados apontam para elementos positivos ligados ao tema que, levam o psicopedagogo a atuar na área com maior visão e compreensão ligadas ao Atendimento Educacional Especializado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as análises feitas durante o estudo e elaboração do material para este trabalho, observou-se que a síndrome de Rett, quando falamos em um atendimento educacional complexo e especializado seria algo muito simples de ser trabalhado, em especial quando pensamos em uma atividade para estas crianças, mas não pensávamos que o quadro clínico era tão complexo e cheio de artimanhas.

No início deste trabalho, logo notamos que haviam vários tipos de conceitos cujos procuravam auxiliar nas informações que deveriam chegar aos leitores de forma diversificada sempre agregando algo diferenciado que pudesse somar mais conhecimento em relação a esta doença que tanto afeta as meninas.

Passamos a entender outras situações diversificadas ligadas à doença, assim como as diversas intervenções e quadros clínicos que ali se faziam necessários de serem compreendidos, mas que não era uma tarefa simples receber uma criança com SR na escola e na integração social, não pelo fato da doença, mas pelos diversos desconfortos que essa criança passa.

Por outro lado, descobrimos que há diversas melhorias que podem auxiliar no tratamento como a fisioterapia e atividades psicomotoras que aliviariam a tensão nos músculos e, que, com as brincadeiras, os olhos respondem perfeitamente a todos os movimentos, essas lindas garotinhas poderiam viver melhor se tivessem aprendizagens estimuladoras como as discutidas acima.

Pensando nisso, entendemos que na sala de aula, as intervenções pedagógicas mais diversificadas seriam as melhores formas de auxiliar na melhoria da qualidade de vida da criança com SR, mas percebeu-se que esta tarefa requererá muita dedicação psicopedagógica e docente, uma vez que há diversas situações que não favorecem o aprendizado, em especial se este for voltado aos métodos mais tradicionais e ensino, mas, como a legislação atual, faz um aporte reflexivo sobre as novas formas de aprendizagem, percebe-se que estas crianças serão muito bem acolhidas na sala de aula, uma vez que diversas são as novas intervenções pedagógicas e, que, uma simples dança no colégio, já uma maneira de mostrar a essas meninas como a vida é bela.

Assim, o que fica concluído com este estudo é que a aprendizagem deve ser motivadora e proativa, sempre pensando em estratégias diversas, afinal o que estas meninas mais possuem é vontade de viver e, além disso, o sorriso mais doce já encontrado.

REFERÊNCIAS

ABRE-TE Associação Brasileira sobre Síndrome de Rett. **Conceitos de Síndrome de Rett**

ABRE-TE (2001). Disponível em: Síndrome de Rett. http://www.abrete.org.br.

BOULCH, L. **A Educação pelo movimento: A psicocinética na idade escolar**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. p. 24-61.

FONSECA, V. da. **Psicomotricidade: perspectivas multidisciplinares.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

1. MINHA VIDA, Síndrome de Rett: sintomas, tratamentos e causas. **Disponível em:** https://www.minhavida.com.br/saude/temas/sindrome-de-rett**. Acesso em 20 jun. 2018.**

2.
MONNERAT, Leila Schuindt. **Síndrome de Rett: O que É, Causas, Sintomas, Pesquisas** (2009). Disponível em: http://www.bengalalegal.com/rett#301. Acesso em 20 jun. 2018.

NADAL, Paula. **O que é a Síndrome de Rett?** Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/1913/o-que-e-a-sindrome-de-rett. Acesso em 02 jun. 2018.

3.
PÉRICO, Samantha Cristina Macedo *et. al.* **Contribuições da psicomotricidade e ludicidade para o desenvolvimento infantil.** Artigo publicado no V Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente – PUCPR – Paraná 2015

SANTOS, PAULO. **Síndrome de Rett**. (2008). Disponível em: http://edif.blogs.sapo.pt/43281.html. Acesso em 11 mai. 2018.

SANTOS, Silvana. **A criança com síndrome de Rett na sala de aula.** Temas sobre Desenvolvimento 2013; 18 (104).

VARELLA, **Dráuzio. Síndrome de Rett.** Disponível em: https://drauziovarella.com.br/drauzio/artigos/sindrome-de-rett/. Acesso em 13 jun. 2018.

REFLEXÕES FILOSÓFICAS ACERCA DO CONCEITO DE *GESTUS* NO TEATRO DE BERTOLT BRECHT

SILVA, Danilo Salustiano da[2]

RESUMO

Em diversas passagens das obras do alemão, teatrólogo e poeta, Bertolt Brecht, por exemplo, a partir dos textos, - *Teatro Dialético* e *Estudos sobre teatro* - a noção de distanciamento enquanto resultado da técnica *Gestus* aparece como elemento que propicia aos espectadores arquitetar novas formas de ação política. O objetivo deste artigo não é um esgotamento do conceito, nem mesmo uma análise. Mas, reflexão, *uma* possível interpretação, uma leitura sobre determinado conceito. Já que, *gestus* concorre para o rompimento do condicionamento na relação dos homens em sociedade. Razão pela qual está inserido na esfera de atuação prática, não se tratando de um ideal a ser perseguido. Além disso, o *Gestus* tem por objetivo enfatizar ações realizadas por homens comuns, em circuitos cotidianos, repetidos aos milhões: "Uma linguagem é *Gestus* quando está baseada num gesto e é adequada a atitudes particulares adotadas pelo que a usa, em relação aos outros homens" (BRECHT, 1967, p. 77). Tais atos são apresentados no teatro épico condizente com determinado tempo e lugar.

PALAVRAS CHAVE: Teatro épico; Gestus; Processo; Separação

INTRODUÇÃO

O MOSTRAR TEM QUE SER MOSTRADO
Mostrem que mostram! Entre todas as diferentes atitudes
Que vocês mostram, ao mostrar como os homens se portam
Não devem esquecer a atitude de mostrar.
A atitude de mostrar deve ser a base de todas as atitudes.
Eis o exercício: antes de mostrarem como
Alguém comete traição, ou é tomado pelo ciúme
Ou conclui um negócio, lancem um olhar
À plateia, como se quisessem dizer:
Agora prestem atenção, agora ele trai, e o faz deste modo.
Assim ele fica quando o ciúme o toma, assim ele age
Quando faz Negócio. Desta maneira
O seu mostrar conservará a atitude de mostrar
Dê por a nu o já disposto, de concluir
De sempre prosseguir. Então mostram

2 SILVA, Danilo Salustiano da. Graduado em Licenciatura em Filosofia pela UNESP-Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Campus Marília. E-mail: danilo_2ss@hotmail.com

Artigo: Reflexões Filosóficas Acerca do Conceito de Gestus no Teatro de Bertolt Brecht.
SILVA, Danilo Salustiano da. Págs. 19 – 36.

> Que o que mostram, toda noite mostram, já mostraram muito
> E a sua atuação ganha algo do fazer do tecelão, algo
> Artesanal. E também algo próprio do mostrar:
> Que vocês estão sempre preocupados em facilitar
> O assistir, em assegurar a melhor visão
> Do que se passa – tornem isso visível! Então
> Todo esse trair e enciumar e negociar
> Terá algo de uma função cotidiana como comer,
> Cumprimentar, trabalhar. (Pois vocês trabalham?) E
> Vocês mesmos visíveis, como aqueles
> Que os encenam[3].

BRECHT: TÉCNICA DE DISTANCIAMENTO POR MEIO DE *GESTUS*

O objetivo deste texto é apresentar o conceito brechtiano de *gestus*, e juntamente, uma reflexão sobre a correspondência do conceito de *gestus* com o teatro épico, que é mostrar a realidade como algo manipulável. Longe de uma explicação, nosso objetivo situa-se no âmbito apenas de uma reflexão acerca de determinado conceito, e, sobre o condicionamento social que é repetido aos milhões. A noção de *gestus* teatral é definida por Brecht nas obras *Teatro Dialético; Estudos sobre teatro;* e nas anotações do texto *Diário de trabalho vol. I*. Em *Teatro Dialético*, Brecht afirma que "Gestus não significa mera gesticulação". Assim, Brecht nos dá a seguinte definição do Gestus: "não se trata de uma questão de movimentos das mãos, explicativos ou enfáticos, mas de atitudes globais (Brecht, 1967, p. 77)". Como veremos mais à frente, são atitudes envoltas em uma consideração e tomada de decisão. Ao contrário de ações estéticas, são, portanto, atitudes sociais. Atitudes particulares que se sobrepujam às atitudes de caráter mais geral, dialogando deste modo, e sempre, com circuitos mais amplos na esfera social. Segundo Brecht,

3 BRECHT, 2012, p. 241

> Uma linguagem é Gestus quando está baseada num gesto e é adequada a atitudes particulares adotadas pelo que a usa, em relação aos outros homens. A frase "arranca o olho que te incomoda" é menos eficiente, do ponto de vista do Gestus, do que "*se* teu olho te incomoda, arranca-o". A última começa apresentando o olho e sua primeira parte tem o Gestus definido de colocar um suposto. A segunda parte, principal, vem como uma surpresa, um conselho libertador (BRECHT, 1967, pp. 77-78).

Na segunda frase o *gestus* implica uma tomada de decisão. Há um gesto implícito na expressão "*arranca-o!*", uma frase cujo efeito pode ser *visto.* Com efeito, as atitudes particulares só podem ser *gestus* se forem adequadas às dos demais *homens,* em uma linguagem pública, ou seja, se houver uma referência histórica determinada. Não são atitudes naturais que se refiram ao *Homem*, pois, para o autor:

> Nem todos os Gestus são sociais. A atitude de espantar uma mosca não é um Gesto social, ainda que a atitude de espantar um cachorro possa sê-lo, por exemplo, *se* representar a batalha incessante de um homem maltrapilho contra os cães de guarda. Os esforços para manter o equilíbrio numa superfície lisa só resultam em Gestus social se a queda significa um embaraço diante dos outros, isto é, uma perda de prestígio social e de valor no mercado (BRECHT, 1967, p. 78).

A linguagem *Gestus* ergue-se acima da categoria animal. Por isso, não há um *Gestus* social na atitude de espantar uma mosca, pois até mesmo um animal irracional pode se incomodar com um inseto, e, portanto espantá-lo. Agora, o esforço, como diz Brecht, para manter o equilíbrio está em relação aos outros homens, não se trata apenas de um gesto particular, resposta instintiva natural, por exemplo. Então, *Gestus* diz respeito à atividade humana dirigida ao controle da natureza. É construído por operações e circuitos realizados por um homem em particular, mas que está em relação aos outros homens, por esse motivo o gesto de trabalhar é um *Gestus* social, pois volta-se para o controle da

natureza. Implica uma consideração historicamente adequada. Disso resulta a importância de que os artistas tenham conhecimento e estabeleçam para si *Gestus* sociais. Não se deve ir em busca do Homem, aquele que supostamente foi corrompido pela civilização, como um animal indefeso. Brecht faz a seguinte indagação, em relação à postura do dramaturgo, e do músico compositor, referindo-se à apreensão da linguagem *Gestus*: "Como pode a atitude do compositor para com seu texto refletir sua atitude em relação à luta de classes?" (BRECHT, 1967, p. 79). Em seguida, dá a seguinte resposta:

> Vamos supor que o músico que compõe uma cantata sobre a morte de Lênin tem de reproduzir sua própria atitude em face da luta de classes. No que diz respeito aos gestos, há um grande número de maneiras diferentes de relatar a morte de Lênin. Uma certa dignidade da apresentação significa pouco, pois desde que se trata de uma morte, isso poderia ser também adequado para o caso de um inimigo. [...] O Gestus de luto de comunista para um comunista é muito especial. A atitude do músico para sua composição, do narrador para sua narração, mostra a medida de sua maturidade política e, portanto, humana (BRECHT, 1967, p. 79).

A distinção de uma música *Gestus*, como foi dito na citação, pode ser que não faça referência a uma tradição social, porque a dignidade como exemplo pode ser uma atitude ambígua. Disso resulta a precisão do *Gestus*, que, não é mera gesticulação ou explicação factual. Um outro ponto é que a linguagem *gestus* não faz referência a entidades divinas, nem a destinos inexoráveis. Em se tratando de relações humanas, considerações racionais, a serem enquadradas na linguagem *Gestus*, não se pode estabelecer conexões com esferas do âmbito do invariável ou do natural. Em razão disso, o *Gestus* de um comunista é muito especial, pois leva em consideração o nível de maturidade humana, o nível em que as ações são realizadas acima da esfera individual e natural, sendo assim, ações progressistas. Consequentemente, não se trata apenas dos temas

em si, das situações, ou do enorme número de gestos possíveis para se reproduzir uma atitude. Ao que Brecht explica: "todo artista sabe que o tema em si é, em certo sentido, um tanto banal, sem características, vazio e auto-suficiente" (BRECHT, 1967, p. 79). Assim, as atitudes naturais não compõem, por si só, uma linguagem *Gestus*,

> Somente o Gestus social – a crítica, o artesanato, a ironia, a propaganda etc. - insufla-lhe humanidade. A pompa dos fascistas, tomada em seu valor, tem um Gestus vazio: o da mera pompa que é um fenômeno sem características: homens marchando em vez de caminhar, uma certa rigidez, muitas cores, os peitos estufados conscientemente, etc. Tudo poderia ser o Gestus de alguma festividade popular, inofensiva, puramente factual e portanto aceitável. Só quando essa marcha passa por cima de cadáveres aparece o verdadeiro Gestus social do Fascismo. (BRECHT, 1967, pp. 79-80)

Evidentemente, *Gestus* teatral, enquanto linguagem, é uma técnica capaz de insuflar de humanidade os fatos, que são os temas em si. Fatos naturalizados socialmente, mas que decorrem de processos sociais. O mero gesticular não carrega em si as considerações sociais, como a construção da crítica, o caráter irônico de uma atitude etc. Com efeito, a atitude dos fascistas, de passar por cima de cadáveres, como diz Brecht, não pode ser considerada natural, um simples gesto. Muito pelo contrário, não diz respeito a um gesto que naturalmente representa o Homem, com H maiúsculo, enquanto ser que se defende, ou que caminha tranquilamente, e nada mais. Há uma estética de guerra nessa atitude. É evidente uma linguagem *Gestus* social fascista em determinada atitude que revela a atrocidade. É daí que a atitude do artista que se propõe à narração, ao teatro, deve ser de extrema maturidade. Social. Devem estar contidos nas ações o verdadeiro *Gestus* social, as leis sociais a que os indivíduos estão sujeitos, a contradição deve ser o seu material mais preciso, há um exemplo em Marx, que demonstra o modo como o capital

se fortalece enquanto força produtiva se apropriando do trabalho alheio: "Ele aliena o trabalho como força produtiva da riqueza; o capital apropria-se dele enquanto tal" (MARX, 2011, p. 240). É neste sentido, e partindo dessa evidência, dessa possibilidade de reconhecimento que o *Gestus* tem por objetivo, no teatro épico, a desmistificação, a denúncia das malhas sociais, possibilita tirar conclusões a respeito das circunstâncias. Por este motivo, diz o autor que:

> O teatro épico está interessado, antes de tudo, no comportamento que os homens adotam uns diante dos outros, sempre que forem comportamentos significativos social e historicamente (típicos). Desenvolve cenas nas quais as pessoas se comportam de forma que as leis sociais a que estão sujeitas vêm à luz (BRECHT, 1967, pp. 83-84).

Com isso, os fatos apresentados, portanto, não podem ser de naturezas inexoráveis, como fruto de desígnios divinos, ou de escolhas de indivíduos insignes. Os fatos não são misturados, mas mostrados como obras dos homens, resultados de comportamentos de uns em relação aos outros. No processo de reprodução do trabalho, deve estar evidente o processo do capital, que aparece enquanto processo universal e natural. Portanto, deve-se trazer à luz a natureza do processo que aliena o trabalhador, possibilidade de tomada de consciência. Pois, em se tratando o trabalhador, "ele já foi incorporado ao capital enquanto capacidade de trabalho, ele não se pertence mais, mas ao capital e, com isso, também as condições sob as quais ele trabalha são antes condições sob as quais trabalha o capital" (MARX, 2010, p. 293). É partindo desta definição do *Gestus* social enquanto elemento observável, que se pretende intervir nos próprios processos, daí resulta a preocupação de caráter objetivo do teatro épico, segundo Brecht.

No texto "*Acerca da música-Gestus"*, presente na obra *Estudos sobre teatro*, o *Gestus* responde, em relação ao que acima foi dito, pelo

rompimento do condicionamento dos homens. Um exemplo está no prólogo de *A exceção e a regra*, no qual podemos observar determinada orientação: "pedimos que por favor não achem Natural o que muito se repete!" Pois, de acordo com Brecht, "as vastas engrenagens, tais como a ópera, o teatro, a imprensa etc., impõem as suas concepções, a bem dizer, incognitamente (BRECHT, 1978, p. 11)". Com efeito, os meios de produção, as estruturas econômicas é que influenciam e determinam as produções artísticas, fortalecendo, deste modo, a concepção de processo natural de desenvolvimento social, ao qual os homens, e inclusive as artes, devem se adequar. Assim, a proposta do teatro épico é contribuir para o rompimento desse condicionamento, e a técnica de *gestus* é um dentre outros recursos do teatro épico, capaz de garantir uma radical separação dos elementos,

> Já há muito que, para abastecimento das suas instituições públicas, estas engrenagens tiram partido do trabalho mental (a música, a poesia, a crítica etc.) de intelectuais que ainda participam dos lucros – intelectuais, por conseguinte, que, de um ponto de vista econômico, participam da gerência, enquanto, de um ponto de vista social, tendem já para o proletariado. […] São as engrenagens que valorizam o trabalho dos intelectuais, a seu modo, e lhe imprimem uma diretriz exclusiva (BRECHT, 1978, pp. 11-12).

Então, a incursão da linguagem *Gestus* no teatro épico tem por objetivo combater essa tentativa de hipnose. Disso resulta não ser tarefa do teatro épico a superação e resolução das diferenças sociais, muito pelo contrário, a tarefa segue a via de separação, espaçamento e clareza: "a sociedade absorve, por intermédio da engrenagem, apenas o de que necessita para se reproduzir (BRECHT, 1978, p. 12)". Em razão disso, é característico que a linguagem *Gestus* no teatro épico assuma a tarefa de mostrar que muito se esconde por trás do que se cristalizou como hábito:

> A auto-observação, um ato artificial de auto-distanciamento, de

> natureza artística, não permite ao espectador uma empatia total, isto é, uma empatia que acabe por se transformar em autêntica auto-renúncia. […] É pelos olhos do ator que o espectador vê, pelos olhos de alguém que observa; deste modo se desenvolve no público uma atitude de observação, expectante. (BRECHT, 1978, p. 57)

Pode-se notar que a técnica de distanciamento compaginada à linguagem *Gestus* concorre para o impedimento do efeito de empatia. Para Brecht, "em tudo o que o ator mostre ao público, seja nítido o gesto de mostrar", já que, evidentemente, "a técnica de distanciamento impede o ator de produzir o efeito da empatia (BRECHT, 1978, pp. 80-81)". Nesses termos, a atitude do ator tem de ser a de quem lê o seu papel, e diante do qual se posiciona de maneira crítica, porque o ator "não se identifica com a personagem que representa, é possível escolher uma determinada perspectiva em relação a esta, revelar a sua opinião e respeito dela, incitar o espectador" (BRECHT, 1978, p. 84). Em suma,

> Por "gesto" não se deve entender simples gesticular; não se trata de movimentos de mão. […] E sim de atitudes globais. Toda linguagem que se apoia no "gesto", que mostra determinadas atitudes da pessoa que fala em relação às outras, é uma linguagem gesto. […] Nós, que estamos empenhados em modificar não só a natureza humana como as demais, temos de descobrir meios de mostrar o homem por um prisma bem determinado, um prisma em que ele se revele suscetível de ser transformado por intervenção da sociedade (BRECHT, 1978, pp. 193-209)

No *Diário de trabalho I* Brecht dá ênfase ao *Gestus* como parte correspondente ao pensar dialético, ao pensar que se torna cada vez mais eficiente. Na separação dos elementos é que torna-se possível a contradição, o estranhamento ocultado, por exemplo, pelo processo capitalista. Pois, "o trabalhador se torna mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais

mercadoria cria" (MARX, 2010, p. 80). Para tanto, é possível pensar mecanismos capazes de interferir na superestrutura, que está ligada à produção da cultura, por exemplo, formas literárias e artísticas, a fim de modificar a infraestrutura social, que são os meios de produção. Em razão disso, é importante se ter uma plateia de especialistas, capaz de pensar a crescente submissão ao capitalismo, a estrutura que os isola enquanto indivíduos e os torna dependentes. Em vista disso, Brecht nos diz que

> A luta de classes intensificada, a legalidade da concorrência, a exploração irrestrita, a acumulação da miséria mediante a acumulação do capital, tudo isso significa que a dialética se torna cada vez mais o único auxílio possível à orientação. (BRECHT, 2002, p. 60).

O pensar dialético remete-se ao *Gestus* pois essa noção nos permite reconhecer os incidentes do real em sua forma causal, de forma objetiva. Como diz Brecht:

> Ele consiste na reprodução de incidentes da vida real no palco de modo a sublinhar a causalidade e trazê-la à atenção do espectador. Esse tipo de arte também gera emoções; tais representações concorrem para o conhecimento profundo da realidade, e isto é que move o espectador (BRECHT, 2002, p. 98)

Em vista disso, a proposta do teatro épico, com a linguagem *Gestus*, é tornar o espectador capaz de formular proposições e intervir no processo social, justamente pelo conhecimento desse encadeamento causal. O espectador de ser capaz de perceber, a título de exemplo, que "a relação do trabalho com os seus produtos é a relação do trabalhador com os objetos da sua produção" (MARX, 2010, p. 82). Em consequência, ele se dá conta de que os elementos que compõem a peça não colaboraram para a configuração do todo, pois são independentes. Então, o ator deve fabricar seus gestos e falas, tecnicamente. Pode-se dizer que o emprego da técnica *Gestus* provoque o distanciamento do ator com relação aos personagens. Também a postura distanciada do espectador lhe permite olhar para a cena com espanto e curiosidade, sem que lhe pareça natural.

A música é outro elemento independente da peça, que concorre para o projeto de tornar autônomo o espectador. Segundo Brecht, "pela primeira vez, usou-se a música no teatro segundo um novo ponto de vista. A inovação mais marcante era a *separação* estrita entre música e todos os outros elementos" (BRECHT, 1967, p. 82). A música assume a função de comentar os acontecimentos, criando condições para que o espectador do teatro épico diga: jamais teria pensado nisso, ou as coisas não deveriam ser feitas desse modo. A dialética é característica na atividade de se pensar uma nova cena, arquitetá-la, visto que é resultado da distância que tomamos de algo que nos está sendo sugerido pelo *gestus*.

Em *O que é teatro épico? Um estudo sobre Brecht (primeira versão)*, Walter Benjamin, aborda a estrutura do teatro épico e, consequentemente, seus elementos constitutivos, dentre os quais está a linguagem *gestus.* Assim, o autor nos mostra a relevância do *gestus* enquanto material a ser usado no teatro épico com o objetivo de liquidar o efeito da empatia:

> O palco continua elevado, mas não se ergue mais de uma profundeza incomensurável; tornou-se tribuna. E, nessa tribuna, é preciso instalar-se. Eis a situação. [...] Tragédias e óperas continuam a ser escritas e supostamente têm à disposição um aparato cênico há tempos confiável, embora, na verdade, elas não façam outra coisa senão abastecer um aparato obsoleto (BENJAMIN, 2017, p. 11)

O teatro, enquanto instituição, de acordo com Benjamin, não se ergue mais das profundezas incomensuráveis e divinas. Isto é, deixou de atender às necessidades humanas em sentidos inexoráveis. O fosso que separava o palco dos espectadores, como em referência ao drama aristotélico, segundo o autor, não existe mais. Tal fosso dizia respeito ao drama em sua plenitude e imutabilidade dos acontecimentos e ações representados, nos quais o espectador não tinha a possibilidade de intervir, de pensar possíveis alternativas, justamente pelo efeito de

empatia a que estava destinado. Dificilmente o espectador se libertava do efeito de hipnose, pois era levado a se reconhecer no personagem, sentir os seus anseios e aflições, que no fim eram purificados de seus vícios pelo próprio desenvolvimento interno do mito, pelo efeito catártico. Embora não haja mais esse fosso, como diz Benjamin, o teatro tampouco avançou em seus limites, pois, não se fundamentando mais na literatura, o que determina as produções teatrais agora são, de certo modo, as engrenagens econômicas.

Desse modo, diferentemente da proposta de Brecht, o teatro continua produzindo, mas de modo a favorecer os sistemas econômicos, o que, no caso, concorre para o fortalecimento do condicionamento dos homens, levando-os a crer que os processos sociais se desenvolvem de modo natural. Por exemplo, quando alguém tenta se manter equilibrado numa superfície lisa, cuidando para que a queda não cause embaraço, a preocupação se pauta em uma consideração social. Bem como a tentativa de um mendigo de se livrar dos cães de guarda. A primeira atitude leva em consideração a perda de prestígio entre os homens, portanto, o equilíbrio é o equilíbrio social. O que sublinha o *gestus* no segundo exemplo *são* os cães que pertencem à polícia. Cenicamente, livrar-se dos cães não diz respeito apenas a uma atitude de medo, tanto o maltrapilho quanto os cães da guarda, só existem em sociedade, daí o *gestus* ser social. No entanto, as peças, tragédias e óperas comerciais, como diz Benjamin, contribuem para a manutenção do sistema social na medida em que não enfatizam, como no exemplo, que os cães *são* da guarda, e que, portanto, o maltrapilho é produto social. Em razão disso, por não revelarem o *gestus,* levam os espectadores a um sentimento de aceitação, a pensar que sua condição e seus atos são naturais. Em virtude disso, o teatro épico implica a tentativa de modificação, com a proposta de combater a alienação, mostrar que as emoções e ações são fabricadas socialmente. Portanto, de que a ralidade é de natureza manipulável, e que

é possível intervir, modificando-a.

O teatro de atualidades está adaptado às estruturas econômicas, o que lhe importa é que a massa proletária simplesmente se instale nas posições que a própria classe burguesa criou. O teatro épico, ao contrário, torna evidentes as contradições, colocando-as todas no palco, convidando o público a participar dos processos e refletir sobre outras possibilidades. Por esse motivo é preciso que o palco não seja visto como uma espécie de arauto que representa o mundo.

> Ao público, o palco não apresenta mais "as tábuas que representam o mundo" (ou seja, um espaço encantado), mas um espaço de exibição com localização favorável. Para o palco, o público deixa de ser uma massa de cobaias hipnotizadas e se torna uma reunião de interessados, cujas demandas devem ser atendidas (BENJAMIN, 2017, p. 12)

Se o palco deixa de ser uma pequena mostra da realidade, se o teatro assume outro propósito, como diz Benjamin, é preciso que seus elementos também sejam modificados. A técnica não pode ser a mesma, os atores não devem seguir as antigas orientações, visto que não representam para uma massa de cobaias, mas para uma reunião de pessoas interessadas nos acontecimentos e capazes de intervir no processo. Um exemplo de que a técnica deve ser mudada está em um trecho em que Brecht sintetiza isso:

> O espectador deve se exercitar para uma visão complexa. Com isto defendemos que é mais importante a reflexão sobre o curso da ação que a reflexão dentro do curso da ação. […] Este novo estilo é o estilo épico. […] Obriga assim o comediante a representar *melhor e mais exatamente* pois não pode pretender prender pelo charme um homem que está fumando ou seja por demais ocupado consigo mesmo. Dentro em breve veremos os teatros repletos por especialistas como o são os frequentadores do Palais de Sports. (BRECHT, 1978, p. 68)[4]

4 Grifos meus.

Para tanto, é recorrendo à técnica *gestus* que Brecht pretende *representar melhor e mais exatamente,* pois não é tarefa de pouca monta representar para uma plateia de especialistas, que acima de tudo é capaz de intervir no processo, já que pensa de modo dialético. O uso dos títulos, como nos disse Brecht, é como uma espécie de prévia dos acontecimentos. Nesse sentido, o efeito de distanciamento passa a ser resultado da linguagem *gestus*. Por esse motivo, Benjamin nos diz que o teatro épico é gestual.

> O gesto é seu material, e a utilização objetiva desse material é sua tarefa. O gesto tem duas vantagens, seja em relação às manifestações e às afirmações absolutamente enganadoras das pessoas, seja em relação a suas ações multifacetadas e opacas. Em primeiro lugar, é possível falseá-lo somente até certo ponto; menos ainda, quanto mais discreto e habitual for o gesto. Em segundo lugar, ao contrário das ações e das atividades das pessoas, o gesto tem início e fim que podem ser fixados (BENJAMIN, 2017, pp. 12-13)

A interrupção da ação é prioritária no teatro épico, e é nesse ambiente pantanoso que se insere a técnica *gestus*. Pantanoso, pois o processo se desenvolve num fluxo vivo, dialético. Pela interrupção, a consciência se mantém viva, já que, como afirma Benjamin, "o teatro épico […] mantém ininterruptamente uma consciência viva e produtiva de *ser* teatro" (Benjamin, 2017, p. 13). Isto é, uma consciência de que o teatro não está para além da experiência, não se tratando de circunstancias invariáveis, mas passíveis de mudança, no sentido de uma ordem experimental. Para tanto, os gestos devem ser representados de tal modo, como afirma Benjamin, que o ator deve "tornar os gestos possíveis de ser citados, eis o mais importante feito do ator; ele há de conseguir espaçar seus gestos como um tipógrafo faz com as palavras" (BENJAMIN, 2017, p. 19). Concluindo, "se o ator do palco antigo, como comediante, vez ou outra se encontrava ao lado do padre, no teatro épico ele está ao lado do filósofo. O gesto demostra o significado social e a

aplicabilidade da dialética" (BENJAMIN, 2017, p. 19). Não se trata mais de observar as circunstâncias sob a égide do natural e imutável, de desígnios inexoráveis, mas de reconhecer situações a partir de ações representadas.

Segundo Gerd Bornheim, a chave para o entendimento da teoria brechtiana sobre linguagem gestual está na palavra *distância*. No texto de Bornheim, *Brecht: A estética do teatro* lê-se o seguinte: "a chave de todo o trabalho de Brecht está na palavra distância (logo mais, ele falará também em separação): distância entre espectador e o palco, entre o ator e o personagem" (BORNHEIM, 1992, p. 69). Distancia que, do ponto de vista cênico, coloca em evidência a dialética das ações, em suas transformações, para que dos menores incidentes se possa refletir sobre outras eventualidades possíveis. Razão pela qual "o ator do palco antigo, como comediante, vez ou outra se encontrava ao lado do padre, no teatro épico ele está ao lado do filósofo. O gesto demostra o significado social e a aplicabilidade da dialética" (BENJAMIN, 2017, p. 19). Precisamente, não basta apenas a modificação dos elementos, mas que tais elementos assentem numa estrutura também modificada. Nisso está o fato de Brecht tomar consciência cada vez mais clara dos recursos necessários em relação à forma, para que se efetive tal modificação. E um dos recursos que muito concorreu para o desenvolvimento da linguagem *gestus* enquanto técnica que favorece o distanciamento, entre palco e espectadores, está na linguagem do esporte. Lê-se nas palavras de Bornheim:

> A urgência está toda aqui: descobrir para o teatro uma nova forma. Do jeito que as coisas vão, o teatro está destinado ao fracasso: foge-lhe a criatividade, a tradição torna-o maçante, o público desaparece. […] Não se trata tão-somente de conquistar para o teatro aquele público debandado por uma bem arquitetada publicidade; nem de montar espetáculos em um campo de futebol. O que se quer agora é mudar a própria natureza do teatro, e de tal sorte que ele se aproxime dessa realidade maior, em tudo convincente, que é o público de esportes (BORNHEIM, 1992, p. 71)

Uma nova forma capaz de colocar em cheque a estrutura obsoleta sobre a qual o teatro está fundamentado, um teatro, como diz Brecht, "imune à superstição habitual de que uma peça tem a missão de satisfazer necessidades humanas eternas, quando a única necessidade que ela sempre se propõe a satisfazer é a de ver um espetáculo" (BRECHT, 1978, p. 38). Consequentemente, um novo público. Pela precisão inerente à linguagem do esporte, é evidente que ele muito favoreceu a amplitude da esfera do *gestus*, enquanto delimitação das atitudes, que por sinal é o que mais favorece a interrupção. Como vimos em Brecht, houve uma separação dos elementos que não mais colaboram para a configuração do todo, são independentes, portanto, também o público de especialistas. Especialistas, pois sabem reconhecer as regras de determinada partida, têm a consciência de que podem interferir a qualquer momento do espetáculo, portanto, um público atento ao desdobrar dos fatos. O fluxo constante e vivo de todos os elementos que compõem uma ação, que é o fenômeno dialético do gesto, não impede os espectadores de reconhecer a precisão do *gestus*, nisso assenta a consciência que Brecht reconhece como capaz de refletir, a partir de situações representadas. Segundo Bornheim,

> No estádio, a postura do público se modifica, ela se torna por assim dizer científica. O público que segue os gestos que se exibem numa arena de esportes e o olhar mudo do frequentador dos planetários, por exemplo, apresentam muito em comum; em ambos encontram-se pessoas que endossam a atitude controlada, de calma atenção, ainda que inquieta, de olhar ponderado, ainda que nervoso – no fundo, a mesma postura que leva nossos técnicos e cientistas às suas descobertas e invenções (I, 256). […] O ideal brechtiano é que o público de teatro se aproxime desse público de esportes: todo mundo deve ser um especialista (BORNHEIM, 1992, p. 74)

Uma vez que é nesse curso vivo das ações, no âmbito do contraditório, que se deve adequar a linguagem *gestus*, um processo no qual um ato específico, particular, esteja situado no tempo e no espaço e

em relação com várias pessoas ou mais pessoas, mostra-se assim, que as emoções privadas são resultados de processos sociais. O jogo, que obedece a regras bem precisas, tem o seguinte objetivo:

> Pretende-se que a estrutura de realidade, sua base ontológica, seja destituída de sentido, o que acarretaria uma certa paralisação da ação dramática: certa fixidez do homem decorreria da fixidez ontológica; o mundo aqui não é retratado simplesmente tal como é, mas tal como chegou a ser, ao menos em alguns momentos em tudo significativos da dramaturgia de nosso século. (BORNHEIM, 1992, p. 143)

O que se pretende no teatro épico é trazer à luz o caráter convencional da realidade. A *paralisação da ação dramática* mina a crença sobre a qual assenta a ideia de naturalidade das coisas. O que se deve pensar é uma reestrutura do social, rompendo deste modo com o condicionamento dos homens, impedindo a fusão de todos os elementos que fazem parte de um espetáculo teatral e mantendo assim sua diversidade, tal como na realidade. Para tanto, é preciso que o ator tenha consciência do processo, de modo a aprender a arte da observação, já que o efeito de distanciamento é resultado da técnica *gestus*. Assim, Bornheim sintetiza de modo claro a ideia de educação do ator, no seguinte trecho:

> O ator não deve transmitir a ideia de que se tenha transformado e propiciar assim a identificação. Para contornar isso, o ator deve "sublinhar o elemento técnico e conservar a atividade de quem está propondo algo". Segue-se daí também que o texto seja pronunciado como uma citação; mas isso não quer dizer indiferença e impessoalidade: a citação deve respeitar as nuanças, os tons e semitons, "a plástica concreta da expressão". (BORNHEIM, 1992, p. 262)

O caráter receituário do *Gestus* tem por escopo apenas uma orientação das ações, que é sublinhar características que no fluxo com que se desdobram os fatos muitas das vezes passam despercebidas, a realidade se torna naturalizada. Não se trata de uma receita de como se deve agir, mas de retirar dos acontecimentos aquilo que parece óbvio, o

que se mostra natural, a fim de que o cotidiano se torne objeto de curiosidade e reflexão. A proposta da técnica de *Gestus* é criar situações nas quais os espectadores possam intervir, participar e arquitetar novas formas de ações políticas. Que é a possibilidade de intervir nos processos alienantes de construção do social, sob a égide do capital, muitas vezes vividos a guisa de destino. Assim, torna-se flagrante percebermos o quanto a continuidade do processo social é a prórpia reprodução do capital em suas formas mais vastas, e cruéis possíeveis.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Ensaios sobre Brecht.* São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. *Magia e técnica, arte política:* sobre literaturas e história da cultura.
Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRECHT, Bertolt. *Conversas de refugiados.* São Paulo: Editora 34, 2017.

_____.*Poemas 1913 – 1956.* São Paulo, Editora 34. 2012. Tradução: SOUZA, Paulo Cezar.

_____.*Diário de trabalho, volume I:* 1938-1941. Tradução de Reinaldo Guarany e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

_____.*Estudos sobre teatro.* Tradução de Fiama Pais Brandão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____.*Poemas 1913 – 1956.* São Paulo, Editora 34. 2012. Tradução: SOUZA, Paulo Cezar.

_____.*Teatro completo: em doze volumes.* Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1991.

_____.*Teatro dialético: ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BORNHEIM, Gerd. Brecht: *A estética do teatro.* Rio de Janeiro: Graal, 1992.

JAMESON, Fredric. *Brecht e a questão do método.* Tradução de Maria Sílvia Betti e Iná Camargo Costa. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos de 1857 – 1858: esboços da crítica da econômia política.* Tradução de Mario Duayer; Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos.* Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. *Para a crítica da economia política.* Tradução de Leonardo de Deus. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PASTA JR., José Antônio. *Trabalho de Brecht: breve introdução ao estudo de uma classicidade contemporânea.* São Paulo: Editora Ática, 1986.

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico.* São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. *Brecht e o teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
_____.*A Santa Joana dos matadouros.* In: Que horas são?: Ensaios. São Paulo, Editora Companhia das Letras. 2ª edição. 1ª reimpressão. 2012.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: DISTÚRBIOS NO CAMPO EDUCACIONAL

TELLES, Josiane[5]
GUILARDUCCI, Tardiane Costa Neiva[6]

RESUMO

O artigo propõe uma discussão a respeito das dificuldades de aprendizagem dos alunos, que apresentam distúrbios no ambiente educacional, portanto, objetiva-se mostrar o que venha ser dificuldades educacionais, mostrando concepções de diferentes autores. A escolha deste tema se deu pelo fato de ressaltar o que os distúrbios "anormalidade agressiva na ordem natural" afeta no ensino aprendizagem do aluno. Com isso, torna-se importante quando o aluno apresenta qualquer anormalidade, avaliar e encaminhar suas dificuldades, para que possa permitir que o professor busque novas formas de trabalhar e assim o aluno não fique desfavorecido na aquisição da aprendizagem, por isso há importância da família, de modo que incentive o filho e motive-o frente as dificuldades apresentadas.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Distúrbio. Família.

INTRODUÇÃO

Pode-se notar que as dificuldades de aprendizagem surgem com o passar do desenvolvimento do aluno, desta forma os professores devem manter total atenção para que não passe despercebido, e logo após notar, chamar a família para uma possível conversa.

Diante do tema apresentado, temos como problema verificar que muitas vezes os alunos podem apresentar dificuldades em aprender pelo fato de estar com alguma anormalidade ou distúrbio.

E quando o aluno passa a mostrar dificuldades em aprender, nota-se que o mesmo refleti frente ao seu desempenho escolar e social, por isso a

[5] Graduação em Pedagogia, cursando Pós- graduação em Educação Especial e Inclusiva e Neuropscicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade FaSouza- MG, e-mail: positelles9@gmail.com

[6] Bacharel em Administração e Pós-Graduada em Empreendedorismo, Marketing e Finanças pela UNILESTE-MG, MBA em Auditoria Digital e Direito Tributário pela BSSP Centro Educacional, E-mail: professor02@faculdadesouza.com.br

importância da família também se manter atenta às mudanças que o filho possa apresentar.

Para explanar o debate do tema, foi utilizados livros, sites e arquivos de fontes confiáveis a qual podemos formar um debate de ideias entre diferentes autores.

DESENVOLVIMENTO

QUE SÃO DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

O assunto dificuldade de aprendizagem é um termo muito discutido nos últimos anos, gerando divergentes concepções e por esse motivo não é possível ter uma definição concreta sobre o termo.

Ao longo deste capítulo conheceremos algumas concepções de diferentes autores mostrando através de estudos o que julgam como importante para entendermos o que são as dificuldades de aprendizagem.

De acordo com Semkiv e Silva (2013) há uma diferença entre distúrbios e dificuldade de aprendizagem. A autora define distúrbio como uma "anormalidade agressiva na ordem natural", o prefixo D15 é usado na medicina para se referir a uma anormalidade patológica. Dessa forma distúrbios de aprendizagem é uma anormalidade que causa alterações agressivas na aprendizagem do indivíduo.

O Comitê Nacional de Dificuldades de Aprendizagem define distúrbios como dificuldades com grande valor significativo sendo o desenvolvimento da fala e da escrita usado para o raciocínio, de acordo com Semkiv e Silva (2013), quando nos referimos aos transtornos de aprendizagem, não é possível encontrar uma exatidão sobre o assunto, em sua definição é uma forma de prevenir problemas maiores como doenças e enfermidades. Transtorno é usado para identificar a existência de sintomas e comportamentos analisados clinicamente relacionados a sofrimento e intervenções nas funções pessoais que vária de acordo com cada indivíduo.

O termo define que as funções afetadas são: linguagem, habilidades especiais com ou sem coordenação motora. É importante que saibamos que esses problemas tendem a diminuir ao longo do crescimento da criança, mas os problemas de graus mais leves o indivíduo poderá carregar por toda vida.

O estudo dos autores aponta que tanto os transtornos psicológicos e ostranstornos escolares têm em comum alguns aspectos como:

- O inicio ocorre na infância;
- O atraso ao desenvolvimento das funções está relacionado às funções biológicase ao sistema nervoso central;
- Recaídas pelos transtornos mentais.

Os transtornos que afetam o desenvolvimento das habilidades escolares, são apresentadas desde os erros iniciais e não podem ser atribuídos a falta de oportunidade de aprender e não faz relação com traumatismo ou algum problema cerebral, os transtornos afetam a parte biológica do indivíduo, ou seja, causa anormalidade no processo cognitivo.

O termo conhecido como dificuldade ou problemas de aprendizagem é característico de crianças com rendimento escolar insatisfatório, neste caso o problema poderá ocorrer tanto por fatores particulares como pelas condições do meioque o indivíduo está inserido.

Semkiv e Silva (2013) definem dificuldade de aprendizagem como incapacidade causada por um bloqueio das possibilidades que um indivíduo tem de aprender. Neste contexto o fator ambiental exige um importante papel, uma vez que o contexto proporciona a criança o poder de fornecer ou não suas dificuldades, a mesma aprende e consequentemente se desenvolva.

Camillo e Medeiros (2018) falam em suas concepções da diferença entre duas aprendizagens. Aprendizagem no sentido escrito e no sentido amplo. Na aprendizagem no sentido escrito a aprendizagem acontece por meio da experiência que o individuo já possui. No sentido amplo, a

aprendizagem surge à medida que a criança se desenvolve e se adapta aqui não conta apenas a experiência, mas também o processo de equilibração. Os autores acreditam que a aprendizagem não parte do zero, mas de experiências já vivenciadas pelas crianças.

Ainda autores acima, afirmam que seus conceitos também trás contribuições para compreender o desenvolvimento da aprendizagem abordando dois fatores: sócio-histórico ou sociocultural. De acordo com essa abordagem a aprendizagem acontece a partir do momento que a criança interage diretamente com o meio social, a capacidade cognitiva é resultado da união do pensamento e da linguagem, que acontece no nível mais alto do funcionamento cognitivo, pois nesse momento exige a reflexão, a capacidade de planejar e organizar se dá pelo pensamento verbal que a criança adquiri entre o simbolismo e o social, assim a criança desenvolve os conceitos de zona de desenvolvimento proximal e aprendizagem mediada. Na zona de desenvolvimento proximal o autor nos chama atenção para dois níveis de desenvolvimento, sendo: o real que se caracteriza pelo desempenho da criança ao realizar as tarefas sem ajuda de ninguém, o potencial acontece exatamente o contrário, neste momento a criança recebe a ajuda de alguém para realizar tal tarefa.

Camillo e Medeiros (2018) citam que há muitas crianças que não conseguem alcançar sucesso na vida escolar, isso faz com que os estudiosos analisem os problemas da aprendizagem de várias formas, chegando a várias definições, mas ainda assim nenhuma delas respondem a todos os questionamentos por parte dos envolvidos na educação de como trabalhar com esse fato que está cada vez mais presente no contexto escolar.

Camillo e Medeiros (2018) referem-se a dificuldade de aprendizagem como o termo mais utilizado, problema ou dificuldade de aprendizagem, caracterizada por algumas desordens na aprendizagem total da criança, se dá por fatores que o autor considera reversíveis e não

faz relação com fator orgânico.

Camillo e Medeiros (2018) também mostram preocupação com as dificuldades de aprendizagem e completa dizendo que neste período, de acordo com a idade e o nível de desenvolvimento intelectual. Assim sendo as crianças apresentam várias realizações, mas não é uma regra todas alcançarem êxito na área escolar, uma vez que as crianças se desenvolvem particularmente cada qual no seu progreço.

O fracasso escolar é um resultado insuficiente do aluno para a escola. Esta falta pode estar relacionada à falta de estrutura cognitiva que permite que a criança organize as informações para adquiri conhecimento. Complementa também que essa dificuldade pode ter ligação com determinantes sociais, da escola ou do próprio aluno, ou seja, Camillo e Medeiros (2018), acreditam que o contexto em que o aluno está inserido também exerce muita influência. A escola também tem forte importância neste processo, pois o sucesso do aluno depende do que e de como o ensino está sendo trabalhado.

Para Camillo e Medeiros (2018), é relevante conhecer o aluno, suas limitações e oferecer um ensino de qualidade. Declara que a escola atribui boa parte do fracasso escolar as famílias, dizendo que muitos alunos vêm de lares desestruturados no sentido de pais que não se envolvem com os estudos de seus filhos e alunos que não estão interessados muitas vezes por não serem estimulados, se tornando uma tarefa cada vez mais difícil para os educadores.

Seguindo uma mesma visão, Oliveira (2014) faz uma observação dizendo que existem crianças na mesma situação e conseguem obter sucesso. A responsabilidade do fracasso escolar a criança atribui a si mesma, dizendo muitas vezes estar desinteressadas. Em outras situações, afirmam ser o fracasso da escola por não sanar as dificuldades dos alunos.

Os conhecimentos informais aplicados pelas crianças em situações

> cotidianas (mesmo as técnicas que funcionam bem e levam ao resultado certo) não são aproveitados pela escola e são considerados inadequados para a aprendizagem. Consequentemente, na avaliação, o desempenho desta criança é tido como insatisfatório, pois não são capazes de resolver os exercícios matemáticos de forma apropriada, utilizando fórmulas e algoritmos adequados (SCHLIEMAM; CARRAHER, 1995 apud OLIVEIRA, 2014, p. 91).

O autor acima mostra que no texto não há uma resposta acabada para atribuir a causa das dificuldades de aprendizagem. Até o presente, o que conseguimos com as pesquisas e estudos dos autores são inúmeros fatores que podem influenciar ou desencadear tal problema. Analisando os estudos oferecidos por esses autores é comum encontrarmos a mesma visão deles, no sentido do problema ser relacionado ao social, emocional e comportamental. E faz uma ressalva com a questão do comportamento da criança, dizendo observar que as mesmas são imaturas, ansiosas, inseguras e até mesmo depressivas, mostrando até mesmo sinais de agressão.

Segundo Oliveira (2014) cita que as dificuldades são percebidas de três formas: dificuldade em assimilar o conteúdo, dificuldade de leitura e escrita e dificuldade em relação ao raciocínio. Na opinião de professores as dificuldades em assimilar os conteúdos impedem que o aluno avance na aquisição do conhecimento. Com a dificuldade na leitura e na escrita são dificuldades especificas que a criança apresenta na ortografia e pontuação ao escrever os textos. Com a dificuldade no raciocínio não é diferente, a criança não consegue se concentrar e compreender os textos, os professores acreditam que para as crianças é um desafio no qual elas não conseguem superar.

Portanto, os professores afirmam que estas dificuldades são apresentadas logo no início da alfabetização por ser um período que exige um pouco mais do aluno. Então não há uma única causa para as dificuldades de aprendizagem, mas sim vários fatores que contribuem e aceleram para que este problema seja cada vez mais presente nas

escolas.

COMO IDENTIFICAR, AVALIAR E ENCAMINHAR AS DIFICULDADES DE APRENDIZADO

De acordo com Moura et al. (2012), é extremamente importante saber que dificuldade de aprendizagem não é o mesmo que deficiência mental, visual, auditiva ou possível perturbações emocionais que o aluno possua.

Moura et al. (2012), afirmam que as dificuldades de aprendizagem conseguem transmitir uma perspectiva educacional, onde o aluno define essas dificuldades como uma incapacidade para que o próprio aluno aprenda ler, escrever, calcular e se relacionar socialmente. Essas definições surgiram em meados de 1962, ressaltando duas definições distintas que vão de encontro com a importância de conhecer a dificuldade de aprendizagem e no que esse conhecimento contribui.

De acordo com Moura et al. (2012), as crianças são consideradas inaptas para aprendizagem, se apresentar algumas dessas características sendo consideradas como dificuldade de aprendizagem:

- Não conseguir alcançar resultados que condiz com sua faixa etária;
- Dificuldade de expressão oral e auditiva;
- Incapacidade básica de leitura;
- Dificuldade de fazer cálculos e raciocínios matemáticos.

Para os autores acima, mesmo estando diante de duas definições, ainda falta uma definição concreta que permita aos profissionais da educação ter um embalsamento real para trabalhar com os alunos que se apresentam assim. Vale lembrar que as dificuldades de aprendizagem afetam crianças, jovens e adultos.

Segundo Moura et al. (2012), muito se tem falado, estudado e pesquisado sobre as dificuldades de aprendizagem, mas há uma

discordância com relação aos conceitos que cada um defende.

Ainda Moura et al. (2012), o fator genético liga às famílias as dificuldades de aprendizagem, assim há um conjunto de fatores muito extenso que contribui para que o indivíduo apresente ao longo da vida as dificuldades de aprendizagem, as quais destacamos os excessos de radiação, o uso de álcool ou entorpecentes durante a gravidez, as insuficiências placentárias, um parto prolongado e as hemorragias intracranianas durante o nascimento. Os fatos se seguem após o pré-natal como traumatismo craniano, tumores e derrames cerebrais, a má nutrição, substâncias tóxicas entre outros.

COMO ATENDER E QUE TIPO DE SERVIÇO PRESTAR AO ALUNO COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

De acordo com Konkiewitz (2013) todo problema que é descoberto precocemente tem resultados mais satisfatórios, com as dificuldades de aprendizagem não é diferente, quanto mais cedo os pais e os profissionais como os professores, identificarem as características que evidenciem este fator, mais cedo é permitido trabalhar de forma diferente com essa criança para que a mesma não fique desfavorecida na aquisição da aprendizagem.

Konkiewitz (2013) afirma que há inúmeros fatores que o professor pode identificar ao observar o aluno, com auxílio de outros profissionais como médicos, psicólogos, fazer a intervenção educacional correta e diminuir ou até mesmo suprir os problemas enfrentados pelas crianças com as dificuldades de aprendizagem. Nesse processo, os pais desenvolvem um grande papel, uma vez que as informações mais importantes para se diagnosticar o problema são cedidas por eles. Partindo desse pressuposto o autor também declara que para tal fim o aluno deva passar por uma avaliação em todos os ambientes, da qual Konkiewitz (2013) chama de equipe multidisciplinar, a fim de verificar se o aluno se encaixa em alguns

critérios que os profissionais envolvidos julguem importantes para tomar tal decisão, ou seja, o aluno só deve ser considerado com dificuldade de aprendizagem quando sua inteligência estiver na média ou acima dela, se o seu resultado escolar for menos do que o esperado pela sua idade e se o seu problema relacionado com a vida escolar estiver sendo afetado diretamente por uma ou mais das seguintes áreas: fala, leitura, escrita, matemática e raciocínio.

Konkiewitz (2013) afirma ser importante o professor observar se o aluno apresenta falta de concentração e falta de memória, uma vez que tais situações também são comuns em indivíduos com dificuldade de aprendizagem. Todos esses aspectos envolvidos servem para direcionar o melhor serviço, para atender as necessidades do aluno e aumentar seu sucesso escolar, consequentemente seu sucesso na vida.

O que vai fazer a diferença é a paciência, o apoio e o encorajamento por parte dos professores ao trabalhar com seus alunos e da família em apoiar seus filhos nos estudos, no sentido de permitir que esse aluno avance, supere as expectativas e tenha um futuro promissor.

Konkiewitz (2013) é evidente que a lei defende que o aluno deva ter a sua disposição serviços adequados a sua necessidade dentro da classe regular. Para isso, deve ser considerado um conjunto de fatores visando facilitar a aprendizagem do aluno, como: adequar o ambiente, passar instruções mais claras e simples para as tarefas escolares, ajustar horários, alterar textos e propostas de avaliações, sem contar que alguns serviços quando forem necessários deverão estar à disposição do aluno fora da classe regular.

Konkiewitz (2013) reforça dizendo que se todos esses fatores não existirem ou forem poucos para suprir às necessidades apresentadas pelo aluno, então seu sucesso escolar corre sérios riscos. Afirma também, que é imprescindível que este trabalho seja realizado em equipe, uma colaboração mútua tendo por parte de todos os mesmos objetivos para

levar o aluno com dificuldade de aprendizagem a superar suas limitações e dificuldades. Na realidade, a lei garante, mas não atendo e os alunos.

FATORES DE RISCO ASSOCIADO A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

As dificuldades de aprendizagem na literatura são consideradas fatores como desordens neurológicas que acabam interferindo na recepção de informações, onde a criança começa a apresentar problemas e integrações que são manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio, habilidades matemáticas ou sociais (CORREIA e MARTINS, 2005; ALMEIDA e ALVES, 2002; FONSECA, 1995; GARCIA, 1998 apud MAZER; BELLO; BAZON, 2009).

Porém precisamos entender que a criança com dificuldades na aprendizagem pode passar a desenvolver sentimentos que retraem sua baixa autoestima e inferioridade e que normalmente seria acompanhada por problemas que afetariam seu emocional e mudança de comportamento, chegando afetar seu desenvolvimento (ERIKSON, 1971, apud MAZER; BELLO; BAZON, 2009).

Pain (1981, apud RUBINSTEIN, 1996) considera que a dificuldade para aprender é como um sintoma que visa o bem para a criança aprender, e o que pode ser determinado por:

- Fatores orgânicos: são relacionados com o fundamento do corpo, como órgãosdos sentidos e do sistema nervoso central;
- Fatores específicos: estão relacionadas às dificuldades especificas do indivíduo, não estão diretamente ligados ao organismo do ser humano, mas se manifestam na área da linguagem;
- Fatores psicógenos: há necessidade que se faça a distinção entre as dificuldades de aprendizagem, se é decorrente de um sintoma ou de algo que o impede de fazer;
- Fatores ambientais: estão relacionados se as condições ambientais,

favorecem ou não a aprendizagem do aluno.

Fernández (1991) ressalta que as dificuldades de aprendizagem são como sintomas ou "fraturas" que interferem no processo de aprendizagem envolvendo o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo, sendo assim há dificuldades em aprender, bloqueando possibilidades de aprendizagem de um indivíduo.

As dificuldades de aprendizagem não estão relacionadas apenas à estrutura individual da criança, mas ligada também a estrutura familiar da criança, seguindo das possíveis causas (FERNÁNDEZ, 1991):

- Causas externas à estrutura familiar e individual: causa do problema de aprendizagem, afetando o aprender e a inteligência;
- Causas internas à estrutura familiar e individual: causa do problema como sintoma que impede determinada ação, criando a impossibilidade de o aluno aprender;
- Modalidades de pensamento derivadas de uma estrutura psicótica: aquele indivíduo que demonstra mudanças comportamentais;
- Fatores de deficiência orgânica: tendo como ocorrência em alguma parte do organismo dependendo o caso.

Para Fernández (1991), a aprendizagem e seus desvios compreendem não somente a elaboração objetiva, mas também a subjetiva, que se relacionam às experiências pessoais, ligadas aos campos emocionais, recordações e fantasias.

O PAPEL DA PSICOPEDAGOGIA

Segundo Souza (2007), o papel do psicopedagogo é atuar em diversos campos, a fim de ajudar no seu desenvolvimento, sendo no campo educacional como escolas, na área da saúde em clínicas. O psicopedagogo, ele pode atuar como orientador/ coordenador e até mesmo professor, analisando quais são os fatores que contribuem para prejudicar o aluno, não deixando que ele venha a ter uma boa

aprendizagem.

Diante da atuação do psicopedagogo, pode ser feita a análise de forma individual no aluno, onde irá ser verificado o seu perfil, analisando se há comparação com sua fase de desenvolvimento (SOUZA, 2007).

Segundo Souza (2007), o diagnóstico-psicopedagógico é esclarecido nas consultas tanto para os pais e professores, ressaltando tudo o que se deve fazer para que o mesmo obtenha sucesso no aprendizado. Para se conseguir o diagnóstico clínico o psicopedagogo realiza entrevistas, consulta e assim é analisado o problema.

Souza (2007) ressalta que o psicopedagogo tem como objetivo ajudar a superar as dificuldades que o ser humano possui seja de forma individual ou em grupo, e isso pode acabar acarretando problemas maiores, assim o psicopedagogo ajuda as pessoas a lidar com essa situação e reverter o quadro, sendo assim pode dizer que este profissional se encontra onde há problemas ligados ao desenvolvimento do ser humano que impede que o mesmo almeje sucesso.

Segundo Nascimento (2013), até onde sabemos, a escola é o principal lugar responsável formador do ser humano, assim o Psicopedagogo tem o objetivo dentro da instituição escolar de solucionar problemas vinculados ao aluno professor, isso por decorrência de haver um grande número nas instituições escolares de alunos com dificuldades que necessitam de ajuda.

A autora acima ressalta que cada vez mais a psicopedagoga está ganhando espaço nos ambientes escolares, cumprindo a função de socializar o conhecimento ao aluno, de modo que seja melhor inserido no meio acadêmico, onde possa atuar na sociedade com responsabilidades.

Nascimento (2013) pode-se dizer que o trabalho do psicopedagógico tem como objetivo especial trabalhar a partir dos elementos que envolvem a aprendizagem, que liga o sujeito à construção do conhecimento.

Para que essas dificuldades sejam sanadas, o psicopedagógico

procura desenvolver atividades com as crianças de modo que elas se sintam valorizadas e importantes, usando jogos, em especial a tecnologia, buscando que eles se interajam de alguma forma, usando sua criatividade e as informações que estão ao seu dispor para construindo o saber. Por isso dizemos que a educação é um processo que sempre estará em construção (NASCIMENTO, 2013). Assim Nascimento (2013) afirma que o psicopedagogo tem suas técnicas e métodos eficazes para solucionar os problemas que os alunos vêm apresentar dentro das instituições escolares, eles também auxiliam os professores nas suas práticas com o ensino aprendizado.

Segundo Vieira (2011), o psicopedagogo possibilita as crianças dinâmicas terapêuticas que procuram valorizar o aluno junto com sua família, pois é indispensável à presença da família para ajudar a criança superar suas dificuldades, e sendo assim o psicopedagogo deve se inserir na realidade do aluno.

De acordo com Vieira (2011), toda aluno que sente dificuldade frente ao aprendizado, sente desvalorizado, chegando a acarretar prejuízos frente ao seu desenvolvimento no ensino aprendizado, é neste momento que é importante o aluno ter apoio familiar, para que ele se sinta integrado socialmente, onde constará sua participação no meio de pessoas que demonstram se importar, e assim possam ajudar o mesmo a superar as dificuldades encontradas no contexto escolar, ficando claro que quando se trata de dificuldades no ensino, é uma questão que pede total atenção.

Para descobrir as principais causas das dificuldades no aprendizado da criança, há necessidade de aguarda a formação total do cérebro da mesma, pois até seus trinta meses de vida, dizemos que o cérebro está ainda consta estar em formação, e isso deve ser respeitado, sem força o aprendizado precoce e acelerado, sendo visto que em relação a regras, organização e tempo, o amadurecimento é um pouco mais lento em

algumas crianças (VIEIRA, 2011).

Vieira (2011) mostra que os profissionais da educação devem estar a par da situação, sabendo que não se deve forçar o aluno a aprender o que não convém para sua fase, e sim deve motivá-los, a fim de aumentar sua capacidade de manter o foco no ensino apropriado para sua fase.

Ainda Vieira (2011), os fatores que desencadeiam as dificuldades são de origem social, que se manifestam através de condições desfavoráveis que vivem no aluno e causam atrasos de maturação neurobiológicos.

Dentro do ensino aprendizado é importante que os professores se mantenham atentos a precocidade das dificuldades de aprendizagem encontrado nos alunos, até porque insucesso escolar, não é sinal de fracasso e sim de tentar fazer com que o aluno progrida no aprendizado, e caso o professor se encontre sem forças para ajudar e motivar o aluno, é interessante obter ajuda do psicopedagogo.

A escola é um lugar que deve ser acolhedora, fazendo com que os alunos se sintam bem, sejam criativos, que construam o saber, a fim de fazer parte de um contexto escolar que ajudará o mesmo ter uma visão ampla do mundo (FONSECA, 1995).

Fonseca (1995), afirma que errar é humano, todo mundo erra, em condição de aluno, significa que errar é o primeiro passo para se ter oportunidade para tentar novamente de uma nova forma, sem obter sentimento de autodesvalorização, mas para que isso aconteça, há necessidade de ter muita motivação para que ele aprenda e não desista.

A observação do professor deve ser continua tendo a responsabilidade de não somente planejar as aulas, mas de ter o cuidado de transpassar de forma diversificada caso haja necessidade de maiores explicações, pois tudo é válido para não causar insucesso escolar.

Ainda Vieira (2011), o fato é que não há o método correto para transmitir conhecimento, e sim métodos que ajudam a compreender

melhor determinados assuntos, priorizando estratégias de aprendizado, porém tudo no ritmo da criança, de forma que agregue conhecimento dentro da metodologia utilizada pelo professor.

Vieira (2011) ressalta que um ponto importante que os professores devem estarcientes, é que os alunos não devem ser deixados de lado, eles merecem respeito e precisam ser tratados por igual, mas para que isso aconteça à necessidade de se ter na rede de ensino professores capazes e comprometidos dentro da educação, e que sempre que houver necessidade pedir ajuda para os demais profissionais do campo educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o tema abordado, analisamos o que venha a serem as dificuldades de aprendizagem, mostrando que há várias formas de interpretar essas dificuldades na criança.

Em meio a dificuldades, surgem os transtornos psicológicos, que afeta o rendimento escolar da criança. A partir do momento que o professor consegue identificar possíveis dificuldades no aluno, ele já consegue trabalhar encima, e assimfazer o possível para que a capacidade do aluno seja acompanhado com os demais.

Em meio às dificuldades de aprendizagem, o professor deve analisar o desenvolvimento do aluno, se esta alcançando e tendo o mesmo rendimento que os demais, para que não seja visto como um fracasso escolar.

Explicamos no desenvolver do trabalho que elas podem ser percebidas de três formas: por conteúdo, leitura e escrita e raciocínio, e para que sejam identificadas dificuldades, há necessidade de se obter professores qualificados e capacitados. E para que o desenvolvimento fosse concretizado, contamos com vários autores a qual reunimos ideias sobre o tema trabalhado.

Diante da contribuição de diferentes autores para a construção deste artigo, constata-se importantíssimo o papel também da psicopedagogia para se investigar as causas de insucesso no aprendizado da criança, analisando os processos que de forma geral bloqueiam o desenvolvimento dos alunos.

Desta forma, os avanços dentro da educação são muitos que vem acontecendo, mais o melhor é poder contar com ajuda de especialistas para que juntos construam novas percepções, diversidade, de modo que desperte o interesse e traga sucesso na vida de cada aluno.

REFERÊNCIAS

CAMILLO, Cíntia M.; MEDEIROS, Liziany M. **Teorias da educação**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS : UFSM, NTE, 2018.

FERNÁNEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e de sua família**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FONSECA, Vitor da. **Dificuldades de Aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 1995.

KONKIEWITZ, Elizabete C. **Aprendizagem, comportamento e emoções na infância e adolescência: uma visão transdisciplinar**. Editora UFGD. Dourados – MS. 2013.

MAZER, Sheila M; BELLO, Alessandra C. dal; BAZON, Marina R. **Dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associado**. 2009.

Disponível em: <http://pepsic.brsalud.org/scielo.php?script=sc:_arttext&pid=S1414-69752009000100002> Acesso em: 28 de maio 2021.

MOURA, André R. et al. **Características diferenciais das dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita.** 2012. Disponível

em:<https://www.efdeportes.com/efd174/dificuldades-de-aprendizagem-na-leitura-e-escrita.htm> Acesso em: 30 de maio 2021.

NASCIMENTO, Fernanda D. do. **O papel do psicopedagogo na instituição escolar.** 2013. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/o-papel- do-psicopedagogo-na-instituicao-escolar> Acesso em: 23 de maio 2021.

OLIVEIRA, Josivania F. **Dificuldades de aprendizagem na educação infantil.** Graduação em Geografia EAD. Universidade Estadual da Paraíba. 2014.

OLIVEIRA, Romualdo P. de; ARAUJO, Gilda C. de. **Qualidade do ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação.** 2005. Disponível em: <http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782005000100002 >Acesso em: 25 de maio 2021.

RUBISTEIN, E. **A especificidade do diagnóstico psicopedagógico.** In: SISTO, F. et al. Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SEMKIV, Silvia I. A. L.; SILVA, Cleide F. **Um estudo sobre os distúrbios e dificuldades de aprendizagem na perspectiva da avaliação psicoeducacional num município de pequeno porte do Estado do Paraná**. XI Congresso Nacional deEducação. EDUCERE. 2013, p. 29586 a 29599.

SOUZA, Valdivino. **Qual a função do psicopedagogo?** 2007. Disponível em: <http://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/educacao/atuacaopsicopedagogo-perspectiva-ludico-para-desenvolvimento-alunos-com-dificuldades-aprendizagem.htm> Acesso em: 23 de maio 2021.

VIEIRA, Dulce. **O papel da psicopedagogia frente ás dificuldades de aprendizagem.** 2011. Disponível em: <http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2011/05/app-frente-as-dific-de-aprendizagem.pdf> Acesso em: 23 demaio 2021.

ROTINA HOSPITALAR E SÍNDROME DE BURNOUT: PREJUÍZOS PARA A SAÚDE MENTAL DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE NA ATENÇÃO TERCIÁRIA

FERREIRA JÚNIOR, Wandeclebson
GUILARDUCCI, Tardiane Costa Neiva [2]

RESUMO

Em um cenário no qual a saúde dos profissionais de saúde não é valorizada e bem assistida, são inúmeras as possibilidades de adoecimento psíquico, sendo uma delas a Síndrome de Burnout, ou Síndrome do Esgotamento Profissional. A Síndrome de Burnout gera prejuízo não só para quem sofre com ela, mas também para a própria instituição, comprometendo a qualidade dos serviços oferecidos. Objetiva-se discutir a temática da Síndrome de Burnout em profissionais da atenção terciária da saúde brasileira, relacionando com a prática do psicólogo hospitalar e suas contribuições interventivas e preventivas quanto a essa demanda. Trata-se de uma revisão de literatura, desenvolvida por buscas nas bases de dados SciELO, LILACS e MEDLINE, estas últimas através da BVS. Percebe-se que a elevada prevalência dessa síndrome pode indicar não apenas sobrecarga do trabalho, mas também desequilíbrio quanto à preparação nas esferas técnica e interpessoal. Entende-se que por mais que os psicólogos sejam tidos como responsáveis pela identificação e pelo manejo da demanda nesse contexto, eles não se configuram como imunes a ela. Percebe-se que o contexto hospitalar é um forte facilitador do adoecimento psíquico também para os profissionais.

Palavras-chave: Burnout. Atenção Terciária. Psicologia Hospitalar.

INTRODUÇÃO

Um dos novos campos de atuação para psicólogos no Brasil são as instituições de saúde. A necessidade de entender e discutir o processo saúde/doença numa perspectiva psicossocial, compreendendo e intervindo sobre contextos expostos não só a diferentes doenças, como também condições de saúde inadequadas, justificam o interesse crescente nessa área de atuação específica (ALMEIDA; MALAGRIS, 2011).

Dentro do contexto da saúde brasileira, com a divisão dos níveis de atenção do Sistema Único de Saúde (SUS), temos os níveis de atenção secundária e terciária, que se configuram como campos de atuação do psicólogo hospitalar. O Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2008) define

que o título de especialista em Psicologia Hospitalar permite ao profissional a atuação em instituições de saúde, por meio da participação na prestação serviços de nível secundário e terciário da atenção à saúde.

O CFP destaca ainda que o atendimento psicoterapêutico, os grupos psicoterapêuticos e os grupos de psicoprofilaxia, bem como os atendimentos em ambulatório e Unidade de Terapia Intensiva (UTI), pronto atendimento e enfermarias em geral, a psicomotricidade, a avaliação diagnóstica, o psicodiagnóstico e a consultoria e interconsultoria constituem-se como exemplos de atividades a serem desenvolvidas por esse profissional no escopo dessa especialidade.

Um outro ponto a ser ressaltado acerca da atuação do psicólogo hospitalar é a necessidade de estar comprometido com o cuidado da tríade de saúde (paciente-família-equipe). Dessa forma, as intervenções voltadas à equipe precisam compor o planejamento e prática do psicólogo. A esse respeito, Almeida e Malagris (2011), ao apresentarem as contribuições de Angerami-Camon (2002), comentam que nessa especialidade o psicólogo deve atuar como um facilitador quanto ao fluxo de emoções e reflexões, sendo sua responsabilidade também identificar os potenciais focos de estresse e apontar defesas excessivas, uma vez que os profissionais que compõe a equipe de saúde também experienciam no cotidiano de trabalho os significados do viver e do morrer, das possibilidades e da não possibilidade – tão presentes na dinâmica do adoecimento e da hospitalização.

Sob o enfoque patológico, o estresse tem sido considerado uma problemática de saúde pública do mundo moderno, sendo também foco de diversos estudos relacionados à qualidade de vida na esfera profissional (SILVA; DIAS; TEIXEIRA, 2012). Em um cenário no qual a saúde dos próprios profissionais de saúde não é, via de regra, valorizada e bem assistida, chegando ao extremo de não ser sequer considerada em algumas situações e contextos, são inúmeras as possibilidades de adoecimento psíquico, sendo uma delas a Síndrome de Burnout, também conhecida como Síndrome do Esgotamento Profissional.

Silva et al. (2015) comentam que a emergência da Síndrome de Burnout se dá a partir das condições de trabalho, gerando prejuízo não só para quem sofre com ela, mas também para a própria instituição, comprometendo a qualidade dos serviços oferecidos. Por isso, ressaltam a importância da implementação de estratégias interventivas e preventivas, apontando como exemplo a boa efetivação da educação permanente, a adoção de pausas ao longo da jornada de trabalho, a melhoria do clima organizacional e o maior aproveitamento das tecnologias disponíveis, de modo a promover a vivência saudável dos ambientes de trabalho que prestam serviços aos usuários dos serviços de saúde.

Metaforicamente, o termo Burnout pode ser entendido como aquilo ou aquele que chegou ao seu limite, enfrentando prejuízos consideráveis em seu desempenho nas esferas física e mental (TRIGO; TENG; HALLAK, 2007). Apesar de alguns pontos não serem completamente claros, é possível observar certa unanimidade entre os autores a respeito da interferência desse transtorno nos níveis institucional, social e pessoal (TRIGO; TENG; HALLAK, 2007).

Sabe-se que a Síndrome de Burnout encontra no cenário social atual diversos potencializadores para o seu desenvolvimento e agravamento. A esse respeito, Silva, Dias e Teixeira (2012) comentam que essa síndrome se constitui como um dos grandes problemas psicossociais contemporâneos. De acordo com os autores, o homem moderno tem cada vez menos tempo para dedicar-se a atividades que fujam daquelas de cunho laboral, em especial as prazerosas, como lazer e estar na companhia da família. Também ressaltam que esse movimento é diretamente ligado ao sistema capitalista, uma vez que a lógica de produtividade e consumo excessivos é refletida em uma vivência de trabalho com rotinas de cobranças desenfreadas e, consequentemente, adoecedoras.

Silva et al. (2015) também apontam algumas das categorias profissionais presentes no contexto hospitalar, consequentemente suscetíveis ao quadro de Burnout, como é o caso da Medicina, da Enfermagem, da Odontologia e do Serviço Social. A esse respeito, comentam que as inúmeras atribuições e responsabilidades com a assistência e a segurança do paciente e da família podem levar ao estresse psicossomático, bem como a conflitos com a própria equipe. Entende-se que o trabalho com problemas de ambiente e equipamentos pode desencadear desgaste emocional, configurando-se como fator de risco para o adoecimento desse profissional.

Não é segredo para profissionais da área e até mesmo para leigos que a Enfermagem se destaca como uma das profissões do campo da saúde que mais acumula responsabilidades, sejam elas assistenciais ou administrativas. Essas responsabilidades, somadas à uma carga horária extensa de trabalho e tarefas de variadas complexidades, podem representar grande desgaste físico e psicológico, justificando a altíssima incidência de adoecimentos da ordem do estresse laboral para essa categoria (SILVA; DIAS; TEIXEIRA, 2012).

Sá, Martins-Silva e Funchal (2014) reforçam a possibilidade de políticas com foco nas mudanças organizacionais interferirem no número de ocorrência da Síndrome de Burnout. Apesar de os autores enfatizarem a relevância da reorganização do trabalho para os profissionais da área da Enfermagem, é possível inferir que todas as categorias profissionais do

contexto hospitalar podem se beneficiar com uma vivência laboral que conte com ambientes físicos seguros e compatíveis com trabalho desenvolvido, jornada de trabalho adequada e definição transparente de metas e objetivos, elementos que apesar de básicos passam longe de ser uma realidade comum para muitas categorias e seus respectivos fazeres nesse nível de complexidade da saúde brasileira.

No tocante aos aspectos psicossociais do trabalho das categorias profissionais da saúde, destacam-se a pressão, o estado de alerta, a fragmentação das tarefas, a falta de autonomia e a insalubridade, assim como as questões ambientais, de relacionamento e administrativas como componentes que facilitam o aumento do estresse e interferem na saúde da equipe (SILVA et al, 2015).

A partir disso, percebe-se que a Síndrome de Burnout pode ter seu desenvolvimento atrelado a dois grandes grupos, o das causas externas e o das causas internas, com aspectos ambientais/organizacionais e pessoais, respectivamente, facilitando prejuízos para a qualidade de vida do profissional em seu contexto de atuação profissional (SILVA; DIAS; TEIXEIRA, 2012). Por isso, não parece errada a afirmação de que a Síndrome de Burnout pode ser evitada. Para isso, torna-se necessária a participação da organização, com uma cultura que favoreça a mobilização para a execução de estratégias de cunho preventivo acerca do estresse crônico. Uma vez que também depende de fatores pessoais, ressalta-se a importância da adesão dos trabalhadores, que precisam ressignificar trabalho e viver (PÊGO; PÊGO, 2016).

Assim, torna-se inegável a gravidade da problemática, como destacam Pêgo e Pêgo (2016). Os autores atentam para a necessidade premente de divulgação sob a justificativa de que o conhecimento dos trabalhadores se configura como um passo inicial e decisivo ao pensarmos no processo de desenvolvimento e efetivação de políticas e medidas que visem a extirpação ou mitigação do esgotamento profissional na saúde.

Com base nisso e reconhecendo a realidade de trabalho precário de diversos profissionais da saúde no Brasil, que se submetem, por diversas vezes, à jornadas duplas ou triplas com baixos salários e pouca valorização, assim como a própria dinâmica com grande potencial adoecedor do contexto hospitalar, objetiva-se discutir a temática da Síndrome de Burnout voltada para a realidade de profissionais da atenção terciária da saúde brasileira, tecendo relações com a prática do psicólogo hospitalar e suas contribuições interventivas e preventivas acerca da demanda destacada.

Dessa forma, o trabalho organiza-se em quatro seções principais, sendo elas: Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão e Considerações Finais, de modo a apresentar a temática geral, os procedimentos

metodológicos adotados, os principais dados coletados diante da busca e a síntese final da revisão dos achados, respectivamente.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Por se tratar de uma revisão literária desenvolvida a partir de buscas em bases de dados científicos, fizeram parte da pesquisa: a Scientific Electronic Library Online (SciELO), a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e a Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), estas últimas por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), algumas das mais relevantes acerca das temáticas de saúde.

As buscas foram realizadas ao longo do mês de outubro do ano de 2020, através da combinação dos descritores "psicologia hospitalar" AND "burnout". Foram definidos como critérios de inclusão estudos compatíveis com o tipo artigo, brasileiros, em língua portuguesa, disponíveis na íntegra e referentes aos últimos cinco anos (2015-2020).

Após a filtragem com a utilização dos critérios supracitados, doze artigos foram pré-selecionados para análise de título e resumo. A partir da identificação de repetição de estudos entre as bases de dados consultadas, fuga do tema e constatação de trabalhos referentes a realidades de outros países e/ou não disponíveis na íntegra, foram selecionados três estudos para a composição desta revisão, apresentada a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo da ideia que caracteriza o campo da saúde como um campo fértil para o desenvolvimento da Síndrome de Burnout dada a responsabilidade, a pressão e o desgaste vivenciados pelos profissionais em sua atuação, destaca-se que todos eles, da atenção básica à atenção terciária, podem ser acometidos e sofrer com as consequências da Síndrome do Esgotamento Profissional.

Tironi et al. (2016), ao estudarem a prevalência de Burnout em médicos intensivistas de cinco capitais brasileiras, apontam que a maior parte dos fatores estressores que foram referidos pelos profissionais estava ligada às relações com os usuários dos serviços, com destaque para o manejo com a angústia da família, a possibilidade de piora no atendimento aos usuários e o tempo limitado para lidar com quaisquer necessidades emocionais destes.

A elevada prevalência dessa síndrome pode indicar não apenas sobrecarga do trabalho, mas também desequilíbrio quanto à preparação nas esferas técnica e interpessoal. Percebe-se que isso mostra-se ainda mais evidente quando o adoecimento está associado às dimensões da despersonalização e da exaustão emocional (TIRONI et al., 2016). Uma possível justificativa é a existência de lacunas na formação psicoemocional dos profissionais, evidenciando que uma formação técnica pode não conseguir suprir suficientemente as necessidades quanto ao manejo de demandas emocionais, mesmo essa formação constituindo-se como uma formação de qualidade (TIRONI et al., 2016).

Ultrapassando os limites da realidade de médicos em Unidades de Terapia Intensiva (UTI), Silva et al., (2019) comentam sobre a Síndrome de Burnout em residentes multiprofissionais em saúde. Os resultados do seu estudo indicam uma significativa prevalência de Burnout, com enfermeiros e profissionais atuantes em setores hospitalares como alvo de maior ocorrência. Silva et al. (2019) também apontam que os profissionais acometidos eram recém-formados, negros e em sua maioria do gênero feminino.

Ainda, destaca-se nesse estudo a presença significativa de assédio moral. Esse dado alarmante fala de um alto percentual de residentes que referiram ocorrência desse tipo de assédio por parte tanto dos funcionários dos serviços como dos próprios preceptores (SILVA et al., 2019). Dessa forma, reforça-se a importância de estudos que considerem as condições e relações de trabalho e seus impactos para a saúde mental e ocupacional também desse público, haja vista a intensa vivência do estresse laboral e o consequente adoecimento físico e mental, como no caso da Síndrome de Burnout (SILVA et al., 2019).

Apesar da importância do debate e da consideração da saúde mental dos profissionais de saúde, percebe-se a não valorização da pauta tanto pelas instituições como pelos próprios profissionais. Tironi et al. (2016) apontam um elevado número de perdas e recusas (70%) para a participação em seu estudo. Já Montandon e Barroso (2016), ao estudarem a Síndrome Burnout em psicólogos hospitalares, destacam que dois hospitais negaram permissão para contato com os seus psicólogos, havendo recusa de profissionais também nos hospitais que aceitaram – estes alegaram falta de tempo.

No contexto hospitalar, entende-se que os psicólogos são os profissionais responsáveis pela identificação e manejo dessa demanda, contudo, é de extrema importância ressaltar que eles também não estão imunes. Dentre as muitas limitações, duas delas podem ser o acometimento da própria equipe de Psicologia e o não engajamento da equipe de saúde, como visto acima. Montandon e Barroso (2016) ressaltam que a falta de formação

específica nos cursos de graduação de Psicologia para a atuação nessa área, junto ao fato de a Psicologia Hospitalar não dispor de uma ampla gama de técnicas e metodologias próprias, pode também dificultar esse processo. Complementam dizendo que sem preparação específica e direcionamento teórico bem definido (construídos dentro ou fora da formação no nível da graduação), o trabalho de alguns psicólogos no hospital tende a se resumir ao acolhimento emergencial.

Enquanto potenciais "pacientes", os psicólogos hospitalares também sofrem com fatores estressores, tais como extensas jornadas de trabalho, equipe reduzida, falta de reconhecimento e valorização, alta exposição a riscos, sejam eles físicos ou químicos, e constante contato com o sofrimento de pacientes, familiares e da própria equipe de saúde (MONTANDON; BARROSO, 2016). Influenciados pela falta de recursos para a efetivação de suas atividades e pela hiper valorização do saber médico no ambiente hospitalar, nota-se que os psicólogos vivenciam esgotamento emocional e identificam despersonalização com frequência, mesmo que em colegas (MONTANDON; BARROSO, 2016).

Montadon e Barroso (2016) comentam que as estratégias mais estudadas quanto a prevenção da Síndrome de Burnout são baseadas nas vertentes individual e organizacional. Enquanto na esfera individual estão as estratégias compensatórias de lazer e a busca pelo aperfeiçoamento profissional, bastante utilizadas, na esfera organizacional nota-se um déficit quanto a filosofias e políticas administrativas de cuidado com a saúde mental dos psicólogos.

Montadon e Barroso (2016) também apontam os benefícios de intervenções que objetivem a sensibilização dos demais profissionais de saúde acerca das atribuições e potencialidades da Psicologia Hospitalar, sob a justificativa que isso poderia melhorar a comunicação e a satisfação de profissionais, auxiliando nas relações dentro das equipes. Atuando na satisfação desses profissionais, essas estratégias interventivas também poderiam auxiliar na minimização do risco do surgimento da Síndrome de Burnout nessa categoria profissional e, consequentemente, melhorando o cuidado às demais envolvidas no contexto hospitalar.

Dessa forma, o que se percebe é que apesar de ambos, Síndrome de Burnout e Psicologia Hospitalar, ganharem cada vez mais destaque nas discussões e reflexões acerca dos fenômenos hospitalares, ainda há um longo caminho a ser seguido quanto ao reconhecimento da íntima relação da primeira com a área da saúde e do potencial da segunda na prevenção e no manejo dessa e de tantas outras problemáticas atracadas à atenção terciária.

A nível complementar, torna-se pertinente inclusão das ideias de Monteiro e Carlotto (2016), quando falam, após a investigação com 182

trabalhadores da saúde no contexto hospitalar, da necessidade de aprofundamento dos resultados obtidos, sugerindo a realização de novos estudos que possam incluir mais variáveis e delineamentos acerca de realidades hospitalares diferenciadas. Como uma das possibilidades, as autoras mencionam a investigação de profissionais de saúde que passaram por afastamento das suas funções de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão, conclui-se que o contexto hospitalar é um forte facilitador do adoecimento psíquico também para os profissionais, uma vez que estes sofrem com diversas demandas relativas ao processo de cuidar, tanto a nível subjetivo, com a percepção e manejo de situações desgastantes, como organizacional, com as dificuldades institucionais – incluindo as relações de trabalho.

Sendo a exaustão emocional uma das características mais destacadas ao longo da revisão quanto à prática profissional no contexto da atenção terciária, torna-se necessário que se repense e reformule as condições atuais de trabalho oferecidas aos profissionais desse nível de atenção, haja vista que muitos deles sofrem com a vivência de exigências constantes que extrapolam suas possibilidades devido a oferta defasada de recursos e remuneração.

Outro ponto merecedor de destaque diz respeito a urgência da integração da Síndrome de Burnout ao hall de prioridades das preocupações com a vivência laboral da equipe de saúde. Destaca-se a importância do preparo e do empenho não apenas dos psicólogos hospitalares como dos gestores e de todos os envolvidos na programação e efetivação do trabalho no contexto hospitalar, de modo a considerar a gravidade da problemática trabalhando-a preventivamente e, quando necessário, com fins interventivos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. A prática da psicologia da saúde. Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 183-202, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582011000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 abr. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução n° 013/2007, 17 de

setembro de 2007. Institui a Consolidação das Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. Disponível em: https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-administrativa-financeira-n-13-2007-institui-a-consolidacao-das-resolucoes-relativas-ao-titulo-profissional-de-especialista-em-psicologia-e-dispoe-sobre-normas-e-procedimentos-para-seu-registro?origin=instituicao&q=013/2007. Acesso em: 03 abr. 2021.

MONTANDON, Juliana D' André; BARROSO, Sabrina Martins. Burnout em Psicólogos Hospitalares da Cidade de Uberaba. Cienc Trab., Santiago, v. 18, n. 57, p. 159-165. 2016. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-24492016000300159&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 03 abr. 2021.

MONTEIRO, Janine Kieling; CARLOTTO, Mary Sandra. Preditores da Síndrome de Burnout em trabalhadores da saúde no contexto hospitalar. Interação em Psicologia, Curitiba, v. 18, n. 3, junho. 2016. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/28024/28222. Acesso em: 12 mai. 2021.

PÊGO, Francinara Pereira Lopes; PÊGO, Delcir Rodrigues. Síndrome de Burnout. Revista Brasileira de Medicina do Trabalho, vol. 14, n. 2, 171-176. 2016. Disponível em: https://cdn.publisher.gn1.link/rbmt.org.br/pdf/v14n2a15.pdf. Acesso em: 12 mai. 2021.

SÁ, Adriana Müller Saleme; MARTINS-SILVA, Priscilla de Oliveira; FUNCHAL, Bruno. Burnout: o impacto da satisfação no trabalho em profissionais de enfermagem. Psicol. Soc., Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 664-674, dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 mai. 2021.

SILVA, Douglas de Souza et al. Síndrome de Burnout em residentes multiprofissionais em saúde. Revista Enfermagem UERJ, [S.l.], v. 27, p. e43737, out. 2019. Disponível em: https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/43737. Acesso em: 03 abr. 2021.

SILVA, Jorge Luiz Lima; DIAS, André Campos; TEIXEIRA, Liliane Reis. Discussão sobre as causas da Síndrome de Burnout e suas implicações à saúde do profissional de enfermagem. AQUICHAN, v. 12, n. 2, p. 144-159, ago. 2012. Disponível em: http://www.scielo.org.co/pdf/aqui/v12n2/v12n2a06.pdf. Acesso em: 12 mai. 2021.

SILVA, Salvyana Carla Palmeira Sarmento et al. A síndrome de burnout em profissionais da Rede de Atenção Primária à Saúde de Aracaju, Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, v. 20, n. 10, p. 3011-3020, out. 2015. Disponível em: https://scielosp.org/article/csc/2015.v20n10/3011-3020/. Acesso em: 03 abr. 2021.

TIRONI, Márcia Oliveira Staffa et al. Prevalência de síndrome de burnout em médicos intensivistas de cinco capitais brasileiras. Rev. bras. ter. intensiva, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 270-277, set. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-507X2016000300270&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 abr. 2021.

TRIGO, Telma Ramos; TENG, Chei Tung; HALLAK, Jaime Eduardo Cecílio. Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. Rev. psiquiatr. clín., São Paulo, v. 34, n. 5, p. 223-233. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000500004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 mai. 2021.

A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E SUA IMPORTÂNCIA PRÁTICA NA COORPORAÇÃO MILITAR

MOTA, Flávio Alves
GUILARDUCCI, Tardiane Costa Neiva

RESUMO

Este estudo com enfoque qualitativo realizado através de uma análise de revisão bibliográfica, aborda os agravantes que o policial enfrenta no percurso da profissão e a importância da avaliação psicológica em tal contexto. As pesquisas foram construídas com bases em dados coletados nas plataformas Scielo, Pepsic e Google acadêmico. Os artigos aqui analisados trazem discussões que se ligam com a qualidade de vida dos policiais militares, bem como, os critérios definidos avaliados no estudo, diz respeito ao contexto vivido, as características socioeconômicas das corporações, a sobrecarga de trabalho e as atribuições da função, que se inicia no processo seletivo. Diante da situação das desigualdades sociais que o país enfrenta nos dias atuais, há um alto índice de violência extrema, no entanto, os agentes de segurança pública, como os policiais militares e civis, fazem parte das estatísticas de mortes no país. Pretende-se que, esta pesquisa possa evidenciar tal contexto, e sensibilizar os leitores a questionar e cobrar revisões das políticas de segurança pública, de combate à criminalidade, bem como, visa dar contribuição para o papel importante que a avaliação psicológica traz ao contexto das corporações, reconhecendo a mesma como instrumento indispensável, que não deve apenas ser aplicado nos processos seletivos da corporação, mas de mesmo modo, como instrumento preventivo no que toca à saúde mental dos policiais, requisito de direito e obrigatoriedade ao corpo da segurança pública.

PALAVRAS CHAVE: Avaliação Psicológica. Saúde Mental. Comportamento. Violência.

INTRODUÇÃO

A realização deste estudo surgiu da necessidade de conhecer, através da literatura, como se apresenta o estado psicológico do policial no enfrentamento da violência urbana, situação em que, entende-se, este é submetido a averiguações de sua conduta desde o processo de seletivo, os possíveis reflexos podem trazer alguns danos psicológicos. De mesmo modo, perceber o mesmo dentro de um contexto social de situações extremas, se mostra de grande relevância.

Este estudo tem um caráter qualitativo, baseado numa revisão literária de artigos, dando com ênfase no contexto que o policial vivencia, e suas atribuições no desempenho da profissão. Dentro da perspectiva de estudo bibliográfico, Gil (2002), coloca que se caracteriza como a pesquisa que visa discutir, a partir de material já produzido, uma determinada temática, destacando os pontos mais relevantes e apontando situações de comunhão e divergência dos autores sobre o assunto tratado.

Para levantamento da pesquisa, foram revisados cinco artigos que abordam o assunto e outros pontos relevantes cuja compreensão servem para entender melhor a temática, tais como: Importância do processo de avaliação psicológica, destacando a mesma na história da ciência e profissão, stress da polícia militar, condutas comportamentais, configurada em agressões, atos violentos e desvio das normas estabelecidas na corporação, porém sendo escolhidas duas pesquisas, na qual discute sobre os fatores que influenciam para aumentar os riscos na qualidade de vida dos policiais.

Os assuntos aqui levantados vêm discorrer sobre situações enfrentadas no cotidiano, bem como estudos que apontam a importância dos instrumentos da avaliação psicológica, utilizadas que detectam danos psicológicos em policiais militares, muitas vezes podem desencadear doenças patológicas, como diabetes, úlceras e o comprometimento de seu estado emocional. As discussões levantadas são decorrentes de estudos por outros autores, que visa, sobretudo, subsídios para prevenção de danos futuros a esse público e seus familiares.

Quando se analisa o discurso de Calanzas (2010), quando discute a entrada dos profissionais policiais na corporação, é destaca pelo mesmo que muitos entram atraídos em parte pelo status que a mesma traz ao profissional, ou ainda, pela possibilidade de crescer dentro da profissão ou a estabilidade característica dos concursos públicos. Mas ao que se verifica, ao longo do exercício da profissão, essas policiais encontram dificuldades múltiplas, como a falta de reconhecimento, as mortes de colegas de trabalho, a remuneração baixa e outros problemas que levam ao sofrimento mental e problemas de saúde psicológica.

O que se verifica, a avaliação psicológica, em sua importância, é percebida com um instrumento necessário na identificação de fatores que, com o ingresso na corporação enfrentam frustações pela falta de reconhecimento e os riscos vivenciados no decorrer da profissão acabam tornando se portadores de sofrimentos psíquicos. Nesse sentido produz subsídios fundamentais para estudos afins.

Primi (2003), defende que é grande a necessidade de entender que a avaliação psicológica vai para além da produção de instrumentos e fontes para o psicólogo, chegando ao ponto de ser uma área da profissão de psicologia que permite colocar em prática as teorias psicológicas em lócus. Alcançar essa nova realidade irá tornar possível que as teorias conhecidas

pelo psicólogo possam ser testadas, sendo aos poucos aprimoradas, o que irá dar grande contribuição para que a psicologia possa se desenvolver ainda mais.

Baseado no discorrimento do texto apresentado foi verificado a importância da avaliação psicológica, como instrumento eficiente na veracidade dos eventos psicológicos, no aspecto comportamental. Diante dessa perspectiva compreende-se que, torna viável e necessário ao profissional militar, submeter se à avaliação psicológica, como suporte a área psíquica, zelando pelo bem estar da saúde mental. As informações coletadas permitem validar através de suas técnicas e métodos, bases para aprofundamento de estudos capazes de identificar sobre a conduta comportamental dos indivíduos, contribuindo assim para fundamentações teóricas.

O presente estudo vem abordar uma breve demonstração de duas pesquisas, a primeira de que é de autoria de Minayo, Souza e Constantino (2007), que discutem sobre os policiais de duas corporações da polícia civil e polícia militar. Cuja finalidade de detectar sobre a saúde mental, no percurso da profissão. Os critérios definidos no referido estudo, são as características que envolvem aspectos sociais e econômicos, que envolvem de forma recorrente a qualidade de vida dos participantes da amostra, suas condições de trabalho cotidiana e os aspectos da saúde dos policiais militares e civis que participaram da pesquisa, todos do Estado do Rio de Janeiro.

Outra realizada por Calanzas (2010), que discute sobre o trabalho do policial, que já inicia no processo de seleção, para concurso público, que ao ingressarem por atrativos de status, e ascensão profissional, enfrentam situações constrangedoras com envolvimento de riscos de vida e até mesmo de seus colegas de trabalho. O que muitas vezes, seja a causa das grandes frustações, por não atender as expectativas criadas por suas escolhas, e mesmos influenciados por familiares.

A ênfase desse estudo são dois aspectos que impulsionam o sofrimento psíquico, consequentemente compromete a qualidade de vida, e as expectativas criadas ao longo de sua trajetória, que não corresponde ao status de seu imaginário.

Com base nas premissas levantadas na pesquisa, em que cuja definição adotada no perfil, para atender as exigências da corporação, quanto aos dois critérios que regem a conduta comportamental do policial militar, há uma tendência de pressões internas e externas, Considerando os aspectos exigidos no processo seletivo, percebe se que há uma forte pressão psicológica, no entanto há uma grande necessidade do policial militar passar por uma avaliação psicológica, diante dos critérios avaliados no processo.

Diante dessas discussões compreende se que o processo de avaliação psicológica seja de grande importância, uma vez que, situação dessa

natureza possa influenciar no surgimento de sofrimento psíquico, principalmente os policiais do setor operacional, considerando um grupo de maior exposição aos riscos e conflitos. Conforme autores Minayo, Souza e Constantino (2007), afirmam em seus estudos, o que se verifica é a falta de um olhar mais global sobre o trabalho dos que fazem as corporações, o que, por sua vez, leva a sofrimento físico e mental e contribuem para doenças nos policiais.

Considerando o contexto em discussão, o que os veículos midiáticos revelam, são de uma realidade da ausência de segurança que muitos vivenciam. As estatísticas de violência, nos grandes centros urbanos, com envolvimento de policiais são preocupantes. Constantemente ações de crueldade praticadas por terceiros aos policiais, como atos praticados por policiais em nome de suas legítimas defesas.

Nesse contexto, é preciso compreender o que colocam autores como Lipp, Pereira e Sadir (2005), quando destacam que o estresse é um desequilíbrio entre as obrigações do trabalho e a capacidade de cumprir as mesmas, bem como o que destacam Minayo e Souza (2003), quando destacam que o perigo que se envolve nas ações policiais cotidianas, a hierarquia, o medo, as jornadas de trabalho longas, entre outros aspectos contribuem para que o estresse dos policiais sejam maiores e requeiram mais cuidado e atenção.

Comungando om os mesmos Romano (1996), é enfático a dizer que, quando avaliado o psicológico dos mesmos enquanto parte de uma corporação, é preciso ainda considerar seus aspectos pessoais, coma a família, os lugares em que vivem, as dificuldades pessoais, formação pessoal e social, entre outros aspectos, para bem compreender os mesmos e fornecer um melhor atendimento psicológico, que atenda efetivamente suas demandas.

As desigualdades sociais no Brasil, traz uma onda considerável de violência e insegurança a sociedade, nesse caso a população fica em situação de vulnerabilidade e indignação em relação à segurança pública. Nessa perspectiva a população exige da corporação respaldo para sua proteção, cujas atribuições são necessárias, e devem ser honradas pelo exercício da profissão. Portanto a cobrança da sociedade por segurança pública exige do policial maior comprometimento da função, o que a maioria das vezes, o policial não se encontra preparado emocionalmente, e nem de estratégias específicas, que também os protejam. Compreende-se que as exigências à corporação sejam da categoria militar ou civil, por parte da sociedade, são necessárias, porém os respaldos são falhos e insuficientes.

Pretende-se que, esta pesquisa possa evidenciar tal contexto, e sensibilizar os leitores a questionar e cobrar revisões das políticas de segurança pública, de combate à criminalidade, bem como, visa dar contribuição para o papel importante que a avaliação psicológica traz ao

contexto das corporações, oferecendo suportes tecnológicos e psicológicos, para o enfrentamento da violência nas ruas. Para Freitas (2008), todo o contexto de problemas na saúde psicológica dos policiais, acarretam problemas, inclusive na imagem da instituição ante o meio social e a opinião pública.

SOFRIMENTO PSÍQUICO: ASPECTOS DO TRABALHO DO POLICIAL MILITAR

Esta pesquisa bibliográfica vem demonstrar pontuar questões, que o profissional enfrenta, no seu dia a dia, caracteriza-se como um desgaste psicológico considerável. De certo modo requer necessariamente submeter-se a uma avaliação psicológica, para mensurar sobre o nível de agravos de sua saúde mental, uma vez que os estudos levantados dos artigos mencionam, sobre cargas de trabalho, causando desgastes emocionais.

Para Oliveira e Santos (2010), a profissão militar, entre outros aspectos, tem como marca a exigência de sacrifícios, físicos, mentais e mesmo própria vida, priorizando a segurança e a vida do outro. Deste modo, o que se verifica é que a morte é algo recorrente e presente na vida do militar, seja lutando para preservar a sua vida e a vida dos seus companheiros de corporação ou defendendo a mesma dos riscos inerentes da profissão.

De acordo com o pensamento do autor supracitado e outros autores que estudam a temática, o policial militar depara com situações constrangedoras, o que muitas vezes se doa, para salvar vidas, e enfrenta uma realidade, que consequentemente, a morte é vista com algo comum, e passa a fazer parte de profissão, o que muitos não gostariam que o ocorresse, mas há situações irreversíveis. Nesse sentido, se acredita que o contexto da violência possa contribuir para o desgaste físico e psicológico, situações decorrentes de sua profissão.

Um fator agravante da atualidade, a possibilidade de contrair a Corona Vírus, em um contexto de exercício obrigatório da profissão por se essencial, vem juntar-se uma somatória de questões, levantadas nesse estudo. O que se verifica é que no enfrentamento da pandemia da COVID-19, o trabalho realizado pelos policiais militares se encontra desempenhando suas funções pela imposição da organização hierárquica de seus superiores, a enfrentarem aquele que se mostra como uma das maiores barreiras impostas à humanidade como um todo.

Com a disseminação do vírus, que praticamente infectou o mundo inteiro, a população vive em constante situação de vulnerabilidade, principalmente àqueles que ficam em linha de frente, como o caso dos policiais. Para Nicolau (1993) as atribuições, são as mais diversas, tem atuado com cumprimento de regras do funcionamento das atividades econômicas, organização de espaços para manter o distanciamento social, bem como na averiguação de crimes com furtos e roubos a equipamentos

de proteção pessoal, usados para prevenção de contato e contágio com o vírus, ou ainda, testes para a doença, e, de forma mais significativa, até com a conduta de pessoas que desrespeitam as medidas protetivas, a ambientes aglomerados.

Dentro da perspectiva de Matarazzo, Fernandes e Alcadipani (2020), dentro do período de pandemia, dado seu contexto de serviço essencial para a segurança da sociedade, a polícia militar ganha destaque dentro da pesquisa científica, como ne nota em pesquisa inédita da Fundação Getúlio Vargas, realizada em conjunto com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que evidenciou, em resultados publicados em maio de 2020 aponta que, que só no estado de São Paulo, 59,7% dos integrantes das policias civil e militar, sentiam temor em contrair ou que algum familiar contraísse o corona vírus. A mesma pesquisa ainda deixou claro que apenas um terço dos policiais brasileiros apontaram terem recebido equipamento de proteção individual e o devido treinamento para que pudessem lidar com a pandemia em seu trabalho cotidiano.

As discussões ocorrem praticamente em todos os estados brasileiros, e o que se percebe diante desse cenário, através das informações midiáticas, de fato os policiais militares, não estão sendo considerados grupos prioritários, e nos questionamos porque os policiais ainda não receberem a vacina, ainda não houve nenhum consenso a favor da prioridade para a vacinação desse público. Sabe-se que há grupo de prioridade, porém quais razões a vacina imunológicas não atendeu essa demanda, uma vez que, estes são considerados da "Linha de Frente" e vive constantemente nas ruas.

Para Matarazzo, Fernandes e Alcadipani (2020), a situação da atualidade, em que se verifica a pandemia da COVID-19 ainda em andamento, a situação exige uma mudança de perspectiva quanto à atuação policial. Os autores destacam que o modelo de atuação existente na atualidade que prega o combate ao crime, precisa ser superado e readequado à nova realidade. As mudanças organizacionais precisam, deste modo, serem redefinidas e, com isso, a postura e função social da polícia precisa ser repensada em sua prática.

Em decorrência do contexto da Pandemia da COVID-19, em que a sociedade foi imposta a uma nova realidade, com o policial também não foi diferente, este sendo um agente responsável pela ordem e segurança pública, deve submeter se a uma reorganização de suas práticas, com a finalidade de manter a ordem e o controle em locais, que podem ocorrer aglomeração de pessoas. Nessa perspectiva as possibilidades de enfrentamento a condutas desviante se tornam mais propícias, pois muitos frequentadores de locais de entretenimento, possivelmente apresentam algum desgaste emocional, que de certa forma, poderá contrariar o trabalho do policial militar. Há possibilidades desses comportamentos se tornarem conflituosos, e que necessariamente as

mudanças sejam essenciais.

E uma prática evidenciada no contexto de segurança, na qual um significativo número de policiais militares realizam trabalhos fora da corporação em seus horários de folga como forma de complementar a renda. De acordo com Oliveira e Santos (2010), o trabalho como segurança particular, amplamente praticado pelos policiais, leva o policial a ter um maior desgaste físico e mental, o que impacta em sua carreira e na corporação como um todo. Conforme argumentos dos autores citados, a realidade do cotidiano do policial militar, com uma carga horária, elevada obriga o submeter- se a serviços extras, para complementar os orçamentos familiares, e isso possivelmente pode contribuir com sua saúde mental.

Segundo Porto (2004), todos os policiais, militares e civis, vivenciam de forma direta os fatores negativos do meio e da profissão em que atuam, o que, por sua vez, gera estresse extremo. Essas situações de cansaço físico e mesmo de falta de equilíbrio emocional, terminam por levar os policias a tomarem decisões incoerentes com a filosofia da corporação, ou ainda, a assumirem atitudes irracionais, extremas ou violentas durantes crises e situações complexas de seu trabalho, o que leva à falta de eficiência no que toca ao desempenho profissional, o que por sua vez eixa expostos, policiais e população a perigos diversos.

Considera, conforme posicionamento do autor, muitas vezes o policial militar chegar a se comportar com atitudes desviantes, em consequências dos fatores desgastantes no exercício de sua profissão. Portanto não tais comportamentos, não definem características de sua personalidade, uma vez que estes são acometidos por situações adversas.

Para as autoras Oliveira e Santos (2010), o que se pode destacar é que o sofrimento humano pode ser diretamente associado ao desempenho das atividades no trabalho, o que leva os psicólogos a se debruçarem para compreender tal situação e buscar modificar tal situação, reorganizando a situação e levando a mesma para uma perspectiva mais favorável. Via de regra, com o estresse encontra justificativa em fatores internos e externos ao trabalho, o profissional de psicologia precisa atuar tendo sempre uma visão ampla do policial, ajudando o mesmo a alcançar melhores resultados e capacidade de enfrentar a situação vivenciada.

Segundo Porto (2004), o estresse humano está associado ao trabalho laboral, é importante que as contingências do contexto sejam analisadas, e identificadas os fatores externos e internos, que possivelmente estão influenciando no sofrimento do policial militar. É necessário que as intervenções sejam avaliadas, e tomadas às medidas preventivas. Acredita-se que muitos fatores possam está influenciando, uma vez que, o policial militar é um agente vulnerável as situações de riscos, pois o enfrentamento com a violência traz insegurança a sua vida e de seus familiares.

Segundo os autores Oliveira e Santos (2010), o estado de estresse é caracterizado por um desequilíbrio no organismo, considerado um estado de tensão, que é influenciado por vários órgãos do corpo, e o próprio organismo tem a capacidade de buscar o equilíbrio. Esse processo está ligado ao sistema nervoso simpático, ocorre quando o corpo é impulsionado ao fator do medo, que nos serve de alerta a algum perigo, em curto prazo há também situações internas hormonais, que influenciam na persistência do estresse. Esses fatores externos e internos são responsáveis pelo processo da homeostase.

Quanto ao estado do stress, conforme o estudo levantado mostra situações estressantes vivenciada no cotidiano, que consequentemente desencadeada no contexto das relações sociais, geralmente considerada no ambiente do trabalho. E para ilustrar o conhecimento sistematizado, pontuou alguns aspectos nos dados coletados, como: desgaste institucional nas relações de poder, com injustiças, sobrecarga de trabalho, despreparo do profissional, falta de reconhecimento na tomada de decisão (PATROCINIO, 1997).

O que se analisa diante do apanhado sobre stress ocupacional, é uma situação complexa e institucional, pois à medida que o indivíduo interage em situações de riscos para sua vida, maior a possibilidade de desenvolver danos a sua saúde. Nesse cenário analítico, o estresse ocupacional pode ser considerado uma relação individualizada entre o indivíduo, seu ambiente de trabalho e as demais situações cotidianas às quais o mesmo está submetido, que precisa, com ajuda da psicologia, ser avaliada como sendo uma situação que representa uma ameaça ou uma situação que exija esforço demasiado e uso das habilidades para enfrentar e superar a situação.

No campo da corporação militar, considerada uma organização regida por normas, é comum que comportamentos estressantes façam parte do contexto, uma vez que o ambiente é composto de interesses comuns entre seus pares, e há grandes possibilidades mudanças comportamentais.

CONSIDERAÇÕS FINAIS

Considerando o estudo levantado sobre a importância da avaliação psicológica na corporação militar, reconhece que é de suma importância para polícia militar e civil, pois estes enfrentam sofrimentos psíquicos, em sua atuação, exercem uma profissão, muitas vezes influenciado pelas desigualdades sociais, que possivelmente desencadeiam violência psicológica, até mesmo física.

Outro aspecto considerável, é em relação ao processo seletivo na corporação, a princípio já desenvolve tensão emocional, sofrimento psíquico, adquiridos decorrer da carreira profissional. O critério observado

na pesquisa foi analisar o contexto de atuação da polícia militar e os aspectos definidos pela corporação para seu ingresso profissional, deparam com situações inesperadas, que não correspondem suas expectativas e muitas vezes são obrigados a realizar trabalhos extras, para completar o orçamento familiar, e acarreta sobrecarga de trabalho. Portanto compreende-se que o policial militar, necessita se submeter à avaliação psicológica, reconhecendo como direito, e como ferramenta utilizada para acompanhar os possíveis danos psicológicos causados à saúde mental. Nesse sentido identificar o comportamento desviante do policial militar, como uma forma de prevenir sua saúde mental, a qualidade de vida e de seus familiares.

Cuja metodologia utilizada, foi selecionado artigos científicos, de vivências do seu cotidiano no enfrentamento de perigos expostos as ameaças sofridas no decorrer da profissão. O texto discorre uma série de situações, com questionamentos que o policial enfrenta no seu dia a dia, e aborda fatos de sua atuação num contexto social.

Acredita-se que à escolha de sua profissão, são decisões espontâneas de reconhecimento de bravura e admiração por alguns familiares que exerce ou já exerceu a profissão. Muito embora, seja uma profissão árdua e perigosa, porém gratificante pela honradez e o exercício da profissão e da cidadania.

REFERÊNCIAS

CALANZAS, M. E. R. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 206¬ a 211, jan. 2010.

FREITAS, P.G. O desenho da figura humana e o desenho da pessoa doente na avaliação psicológica de crianças hospitalizadas. Dissertação de mestrado não-publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

LIPP, M. E. N.; PEREIRA, M. B.; SADIR, M. A. Crenças irracionais como fontes internas de stress emocional. Rev. bras.ter. cogn. v.1 n.1 Rio de Janeiro jun. 2005

LIPP, M. E. N. O stress está em você. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MATARAZZO, G.; FERNANDES, A.; ALCADIPANI, R. Organizações policiais

frente à pandemia: sense making, liderança e discricionariedade. Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, pág. 898-908, agosto de 2020.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R.; CONSTANTINO, P. Riscos percebidos e vitimização de policiais civis e militares na (in)segurança pública. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 23, n. 11, p. 2767-2779, 2007.

NICOLAU, A. A. Desvio de conduta de militares: fatores e reflexos na Polícia Militar (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte, MG: Academia da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. (1993).

OLIVEIRA, K. L.; SANTOS, L. M. Percepção da saúde mental em policiais militares da força tática e de rua. Sociologias, 2010 12 (25), 224-250.

PATROCINIO, M. C. C. Desvio de conduta. Revista de Psicologia: Saúde Mental e Segurança Pública, Belo Horizonte: (1997). PMMG, 1(1), p. 68-69.

PORTO, M. S. G. Polícia e violência: representações sociais de elites policiais do Distrito Federal. São Paulo em Perspectiva, v. 18, n. 1, p. 142-150, jan./mar. 2004.

PRIMI, R. Inteligência: avanços nos modelos teóricos e nos instrumentos de medida. Avaliação Psicológica, 2, 67-77. (2003) São Paulo Casa do psicólogo

ROMANO, A. S. P. F. Stress na Polícia Militar: propostas de um curso de controle do stress. In: LIPP, M. E. N. (Org.). Pesquisa sobre estresse no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco. Campinas: Papirus, p.195-210, 1996.

A IMPORTÂNCIA DE ESTABELECER LIMITES COMPORTAMENTAIS DESDE A INFÂNCIA

ROCHA, Anelise Trindade[7]

RESUMO

Este artigo propõe-se a comentar sobre a ausência de limites que se observa desde a infância e a falta de habilidade de manejá-los na prática, tanto de pais quanto de educadores de crianças, o que leva muitas vezes a um sentimento de abandono e de indiferença. Crianças chegam às escolas acometidas por comportamentos fora de padrões permitidos pelos seus genitores ou responsáveis que necessitam ser reeducados. Assim, como os conteúdos organizados necessitam de um continente que lhes dê forma, os limites são, pois, esses continentes: referem-se à criação de um espaço protegido dentro do qual o indivíduo pode exercer a sua espontaneidade e a sua criatividade sem receios e sem riscos. O ato de aprender é envolvente e encantador, desse modo, pais e professores devem unir-se para a formação de informações que são adquiridas ao longo da vida da criança, preparando-a para enfrentar os desafios tendo em vista seu desenvolvimento integral. Dessa forma, estará esse indivíduo comprometido e pronto para prestar serviços relevantes à sociedade.

Palavras-Chave: Limites. Resiliência. Infância.

INTRODUÇÃO

A família como célula universal da sociedade estabelece uma parceria com a escola para a educação das crianças e jovens e parte daí os primeiros passos educativos. Entende-se como escola um espaço de criação de cultura, esta deve incorporar os produtos culturais e as práticas sociais mais avançadas da sociedade que se está inserido. Encontram-se nas escolas grupos heterogêneos e situações nas quais o educador se envolve com questões difíceis que requerem disciplina, como a falta de limites e uma grande disparidade entre a educação que se acredita ser a

7 Aluno: Anelise Trindade Rocha é formada em Direito (Furg), com Pós-graduação em Direito Penal e Direito Processual Penal, com ênfase em Direito Econômico pela Escola Verbo Jurídico – Porto Alegre e formada pela Escola da Magistratura – AJURIS, em Porto Alegre. E-mail:aneliserocha@vetorial.net

adequada e aquela oferecida pelas famílias.

Pais e professores formam pilares fundamentais na aprendizagem dos estudantes e, através dessa parceria, as relações vão se concretizando e é possível estabelecer comunicações claras entre a família e a instituição, tendo em vista a melhoria do ensino. Quando se sente a necessidade de estabelecer limites para o bem da criança, torna-se necessário traçar procedimentos acordados com a família sem, no entanto, quebrar essa relação já conquistada e constituída.

Família e professores devem manter certa cumplicidade nos combinados, deixando esses bem claros e definidos do que pode e o que não deve ser feito. A criança precisa de um padrão de indicações e de regras acordados para manter a relação. Esses combinados precisam ser bem trabalhados e de forma positiva, que sejam explicados o porquê da negatividade, o que não pode ser feito, para não parecer apenas uma restrição. Os limites dados devem se intensificar ao longo da infância para que se tenha, no futuro, um adulto ajustado e equilibrado.

Dúvidas chegam até os pais sobre a maneira de educar como, por exemplo, "Seria essa educação correta?", "O que posso fazer para estabelecer mais limite a meus filhos?" O mesmo acontece com os profissionais da educação que se questionam: "Como posso estabelecer uma verdadeira parceria com os pais quando eles pautam a educação de seus filhos em valores tão divergentes?", "Como ajudar na socialização e no crescimento das crianças, evidenciando o viés edificante da disciplina?", "Regras são necessárias até que idade?", "Regras devem ser flexibilizadas?", "Por que as creches, pré-escolas e as escolas de ensino fundamental não esclarecem melhor sobre as regras?", "Por que difere as regras de uma família para outra?

Tais questões são recorrentes e, através desse artigo, tem-se o intuito de colaborar tanto com os pais quanto com os professores, assim, sendo evidenciadas nesse trabalho em dois momentos. No primeiro, trata-se sobre a importância de ajudar a criança a superar limites desde a

infância e, no segundo, sobre o manejo de situações envolvendo limites na Educação Infantil, ambas as referências visando a ajudar pais e educadores a se posicionarem com mais segurança na educação inicial das crianças.

A IMPORTÂNCIA DE AJUDAR A CRIANÇA A SUPERAR LIMITES

Muitos são os questionamentos sobre a compreensão do que são limites para se estabelecer a uma criança em torno de objetivos comuns. Até que idade é preciso estabelecer e fixar regras? Vale a pena flexibilizar as regras? Quando deve acontecer? Por que as famílias colocam poucos limites? Quem medeia às regras na instituição escolar?

Cabe destacar aqui uma afirmação enfática do professor Yves de La Taille na qual diz que "os adultos deveriam educar para não colocar limites, e sim para ajudar as crianças a transpor limites!". Isso significa que as regras existem e temos que ter o discernimento do que é certo ou errado, qual o momento adequado de parar com determinada atitude e isso se cultiva desde a infância. A criança precisa sentir e estar acompanhada da presença e supervisão de um adulto para ir construindo a sua identidade. Aos poucos sem a presença do adulto a criança vai formando seu espaço com segurança e autonomia, sendo preparada para interagir com o meio ambiente no qual está inserida.

Para Yves de La Taille, moral está ligada a regras e pode ser identificada como:

> (...) os sistemas de regras e princípios que respondem à pergunta "como devo agir? " Como todos os sistemas morais pressupõem, por parte do individuo que o legitima, a experiência subjetiva de um "sentimento de obrigatoriedade", identificamos esse sentimento como o invariante psicológico do plano moral (LA TAILLE, 1998, p. 49)

Os chamados limites imprecisos - que deixam dúvidas, porque

muitas vezes o adulto aceita tal ação e em outro momento o rejeita, isso vem a dificultar a compreensão da criança além do controle total de quem medeia essas relações e ainda afirmar que, quando o fato favorece o envolvimento pessoal dos profissionais com base na amorosidade negam muitas vezes a necessidade de ajuda para corrigir o desvio constatado.

Cada ação realizada pela criança - seja de natureza relacionada, por exemplo, à higiene, à nutrição, ao sono, entre outras - está interligada a uma rede de comunicações entre criança e adulto estabelecendo uma relação interpessoal, fornecendo melhores condições de transposição de limites e aos poucos a criança vai superando seus próprios obstáculos e construindo aos poucos a sua personalidade e ajudando-a a tomar decisões e a reparar seus próprios desvios.

As necessidades das crianças vão se modificando aos poucos e é possível constatar a mudança da dependência migrando para a autonomia. Os pais não devem se esquecer de que é inapropriado competir com a criança em situações adversas, assim como é preciso atentar também que eles são os responsáveis pela mediação das interações.

Normalmente ocorre que a criança, ao ter o que anseia negado, faz birra, insiste obstinadamente em um comportamento que, na maioria das vezes, gera conflitos e sentimentos contraditórios entre a criança e o adulto.

Esses sentimentos contraditórios vêm carregados de emoções e têm forças no controle da vontade. É comum ouvir-se em creches e escolas queixas de pais e de educadores sobre crianças que não brincam com outros colegas se ela própria não estabelecer as regras, só comem o macarrão se for do jeito que ela quer, muitas chegam até - como forma de defesa - a morder os demais coleguinhas.

Nessa interação com diferentes parceiros, a criança vai formando seu pensamento cada vez mais positivo e sua afetividade vai sendo moldada. Dessa forma, a ansiedade se estabelece e é acompanhada por

algumas atitudes compulsivas como choros, falas alteradas e até gritos. Nesse momento, ocorre quase que de imediato a interferência dos adultos.

Para superar e diminuir esses traumas, vale lembrar que podem ser feitos combinados, traçar algumas regras e na escola inserir a criança em projetos cujo objetivo é diminuir a tensão, desviar a atenção da criança do problema para outros focos.

Uma dica importante aos pais: quando proibirem alguma coisa ao filho, encontrem outras que a substitua, na qual ele possa fazer, pois a simples proibição é paralisante e vai dar à criança mais vontade de fazê-lo. A Educação deve sempre mobilizar a criatividade para o bem comum.

Ademais, com base no pensamento de Chauí (1997) e DeVries (1998), é preciso deixar as regras e combinados bastante claros e abortar as indecisões para que a criança conheça o mundo que a cerca, o mundo da qual faz parte, para que a família e as pessoas que convivam com a criança participem de forma democrática dessas interações éticas dando visibilidade e até terem disposição para alterar as regras se assim for conveniente com todos os elementos de convívio da criança.

O limite tem um lugar essencial na formação infantil que repercutirá na adolescência e na fase adulta, pois permite que as crianças aprendam a lidar com a diferença, a assumir a si próprias e suas limitações, assim como a acolher aos outros.

Até os seis anos de idade, tem-se uma etapa decisiva, pois é nessa faixa etária que se desenvolvem o cérebro, o coração, os rins, o sistema endócrino, a capacidade de sentir, de criar, de inventar, de subjetivar, de abstrair, enfim, pontos esses fundamentais na capacidade de agir e de pensar.

Os aspectos culturais influenciam em tudo e podem ser positivos ou negativos. Pode-se resumir dizendo que o primeiro papel do adulto, nesse campo de limite, é cuidar bem, é amar sobre todos os sentidos. É essencial, então, que haja esse cuidado, já que eles – na maioria das

vezes - servem de espelho para os pequenos.

Assim, com base no pensamento de Içami Tiba, é válido refletir que

> os filhos nasceram para singrar os mares da vida, ao encontro de aventuras, de riscos, culturas e pessoas diferentes. Para lá levarão suas experiências, conhecimentos, novidades, costumes e levam um pouco de si e de seus pais. (TIBA, 2002, p. 23)

Isso é válido também para os educadores. Essas relações amorosas precisam ser bem trabalhadas abrindo uma matriz de apoio, de contenção, abrindo um espaço para a compreensão, escuta e acolhida. Escola e professores, enfim, legitimam pais, tentando reforçá-los.

A vida é feita de conflitos, de discórdias**,** e ignorá-los ou apagá-los seria falso. Quando houver conflitos entre pais e educadores**,** o diálogo é a melhor solução. É fundamental trocar ideias, chegar a um acordo, aumentar a escuta, a tolerância, o respeito para melhor conviver com as diferenças.

Não se deve confundir autoridade com autoritarismo: a firmeza deve estar sempre acompanhada do esclarecimento, porque também há a necessidade de autonomia e de liberdade. A partir da forma como a criança é tratada pelos pais, o filho tende a formar uma visão de mundo e adotar atitudes alinhadas com ela. Por isso, é importante prestar atenção no tipo de educação que se está dando a ele.

De acordo com Leo Fraiman,

> Pais permissivos durante a infância são os que se consideram "amiguinhos" dos filhos e, por isso lhes oferecem poucas regras e limites e muito afeto e se envolvem bastante em suas vidas. (FRAIMAN, 2019, p. 71)

Pode-se afirmar que dar limite aos comportamentos é inevitável e necessário para a educação de nossas crianças, todavia, é preciso pensar de onde surgem esses limites e quais são os melhores a se colocar.

O MANEJO DE SITUAÇÕES ENVOLVENDO LIMITES NA INFÂNCIA

A situação do manejo em relação a limites é muito abordada na área da educação. Mesmo que a maioria dos educadores esteja de acordo quanto à sua necessidade, muitos não sabem manejá-la na prática. Por vezes, sentem-se culpados, omissos, incapazes de administrar determinados limites. Para se entender o comportamento infantil, é fundamental saber o que eles esperam dos adultos em atitudes. Afinal, para que as crianças de hoje venham a ser adultos amanhã, precisam de adultos que no dia de hoje se importem com elas.

Em relação à agressividade e agressão, segundo Donald Woods Winnicott (1975), a agressividade tem dois significados: por um lado, constitui-se direta ou indiretamente em uma reação à frustração; por outro lado é uma das fontes de energia de um indivíduo. O autor ainda levanta uma questão sobre o tema: que método o sujeito deve encontrar para dominar essas forças agressivas, colocando-as a serviço da tarefa de viver, amar, brincar e, finalmente, trabalhar? Quando a agressividade é daninha? Como manejá-la? Tais questionamentos exigem a discriminação de tipos e de etapas da agressividade, lembrando que esta acarreta em sua forma estrita, um dano real ou imaginário a algo ou alguém.

Existem vários tipos de agressividade:

Da criança atrevida, a tímida, da controlada e séria, da que se sente perseguida, da sonhadora entre outras. Todas essas trazem as suas características próprias e limitações que necessitam ser trabalhadas ao longo de seu percurso para se obter êxito.

Não podemos dizer que um tipo é pior do que o outro, pois temos que respeitar as especificidades de cada uma. A cada tipo deve-se dar uma atenção especial e trabalhá-las com muito respeito e seriedade para se conquistar um controle ou até mesmo uma superação total desse tipo de agressividade.

Para a criança, cada superação de um desvio de agressividade é motivo de grande conquista nas etapas de seu desenvolvimento.

Em relação à desobediência e à teimosia, pode-se dizer que é salutar, especialmente quando se pensa que a criança está formando seu modelo democrático. É possível afirmar que pessoas muito obedientes não formam a autoconfiança, tampouco a criatividade. Algumas condutas, porém, devem ser observadas: não induzir obediência pelo medo, pois o resultado seria a formação de uma criança medrosa e não obediente; também não impor obediência em situações incompreensíveis pela criança, fazendo com que ela entenda e compreenda o porquê da proibição. De acordo com Winnicott (1975), "é brincando que a criança ou adulto individual é capaz de ser criativo e usar toda a personalidade, e é somente sendo criativo que o indivíduo se descobre."

A criança muitas vezes fica acometida de tristeza quando erra e os pais ficam igualmente sofrendo por perceber a tristeza de seu filho. A tendência imediata é perdoá-lo, abraçá-lo e dar o assunto por encerrado, mas a criança precisa desse tempo para processar o seu erro e, a partir daí, criar uma estratégia de reparação. Nesse momento, é importante a presença do adulto para mostrar à criança o quanto sua atitude foi infeliz, pois trouxe momentos de dor, de medo, de tristeza, mas, por outro lado, também mostrar o quanto feliz se ficou com a reparação do erro, voltando tudo à normalidade.

Atitudes como essas de equilíbrio e de afeto, mesmo que doloroso, demonstram amadurecimento e confiança para quem está do lado oposto do cenário, ou seja, a criança. É importante que ela sinta quem está na liderança e no poder para, assim, seguir seus passos e ir aos poucos adquirindo a maturidade esperada.

Para facilitar a comunicação entre as partes, o importante é entrar em harmonia com a criança, fazer com que ela se sinta participante do acordo feito ou da norma estabelecida e assim se evitará futuras frustrações além de orientá-la a tomar consciência de seus atos.

Reparar erros é uma capacidade que é aprendida precocemente, consistindo em uma das mais generosas experiências humanas, já que está diretamente relacionada à culpa e à responsabilidade e, por consequência, à noção de causa e efeito.

Nesse sentido, é uma experiência marcada pela possibilidade de reconhecer-se no erro, entristecer-se por essa participação e seus resultados e, a partir da tristeza, buscar o conserto da situação. Assim, por meio da tristeza surge a necessidade de reparação.

Estar em um ambiente bom e positivo favorece o aprendizado e isso serve tanto para pais quanto para professores. As crianças são parte importante desse processo do ato de aprender, no qual se aprende tanto com os erros quanto com os acertos. É necessário demonstrar apoio afetivo e emocional às nossas crianças a fim de retirar delas resultados mais salutares.

Entre os estilos traçados para pais e professores, pode-se afirmar que para se gerenciar bons comportamentos e se conseguir atitudes positivas das crianças, não se deve ser autoritário, nem permissivo, tampouco desinteressado ou democrático demais. Compete, nesse caso, substituir os comportamentos indesejados por comportamentos positivos, mantendo as relações conquistadas de forma saudável. Isso é caloroso, aproxima, e as regras se tornam mais suaves e firmes.

Segundo o psicólogo e professor Yves de La Taille, autor de diversos livros sobre o assunto, é importante que os educadores compreendam que o trabalho relacionado aos limites deve levar em conta as possibilidades do desenvolvimento cognitivo das crianças. Hábitos comuns - como o de escovar os cabelos, os dentes - e a rotina do dia a dia são regras simples que as crianças simplesmente seguem. À medida que crescem, mais aproximadamente aos quatro anos, as regras chamadas morais são mais complexas, pois envolve princípios e, progressivamente, aos nove anos, vão se tornando mais claras.

Não basta, portanto, ter tratado os limites nos primeiros anos de

vida da criança se não der uma continuidade nas bases de futuro.

O que muito se vê e se comenta é que as interações humanas estão precárias, tanto na escola quanto em casa, daí a consequência de tantos desequilíbrios e da falta de limites.

Sabe-se que conflitos ocorrem, o que não significa que houve fracasso. Da mesma forma, pode-se considerar exitoso aquele que, ao perceber e admitir esses conflitos, seja capaz de gerenciá-los de forma positiva e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou concluir que a insuficiência de limites leva muitas vezes família e educadores ao caos.

Família e educadores devem constituir uma matriz de apoio, de contenção, abrindo um espaço para a compreensão, escuta e acolhida para não os criticar. Sabe-se que o cuidar não é fácil e, quando os afetos estão em ebulição, respinga na vida afetiva da escola e dos professores.

É sabido que os professores não substituem os pais, no entanto, muitos docentes – com certeza - viverão diversas oportunidades em que serão legítimos representantes das figuras e funções parentais, incluindo a noção de limites. Um professor que ofereça firme e ternamente limites a uma criança pode muitas vezes oferecer algo que lhe falta em casa, na relação de família, e consegue obter uma espécie de transferência estruturante.

Pais e professores podem divergir em relação a limites, isso é inevitável, esperado, humano, mas será saudável desde que venha acompanhado da capacidade de aceitar a diferença e de reconhecer que não se é dono de nenhuma verdade.

A vida é feita de conflitos, discórdias, e apagá-los seria uma negação da própria vivência. Por outro lado, transmitir uma capacidade de viver respeitosamente no meio disso, aproveitando a riqueza dessa

verdade, é algo fundamental e enriquecedor. Nesses aspectos, a tolerância deve fazer-se presente, bem como o respeito e a aceitação, visto que só assim se alcançará um bom convívio com as diferenças.

Inferiu-se também que é importante parar e escutar o outro, o que ele está dizendo, a partir de sua conduta para posteriormente se conduzir uma atitude equilibrada e, dessa forma, ajudar a criança a formar sua capacidade de pensar e de sentir. O papel dos adultos, enfim, é fundamental e circula entre as capacidades de amar e de conhecer a si próprio.

Alguns adultos ficam tão aflitos com a tristeza que observam nas crianças, que muitas vezes tendem a atenuá-la através da diminuição da importância dos erros vinculados. Sabe-se que essa atitude não acrescenta, nem colabora com a capacidade de reparação, pois aborta o processo numa de suas etapas mais importantes. Além disso, do entristecer-se ao desentristecer-se leva algum tempo, o qual deve ser respeitado como momento de introspecção para elaboração interna do acontecido.

É por isso que o adulto não só deve consentir que a criança se entristeça, acompanhando-a, caso seja preciso na sua dor de reflexão, pois ela pode eventualmente avaliar exageradamente o erro devido à sua onipotência, mas também deve respeitar o tempo necessário para isso, estimulando-a, então, para o exame e o emprego de suas estratégias reparadoras.

Desse modo, fica evidente que a criança precisa de seu tempo próprio para processar o acontecido, refletir e a partir daí formar um conceito dos seus atos. Os adultos e as crianças estabelecem entre si, no momento certo, a significação das coisas.

Conclui-se, portanto, que é na infância que se devem introduzir as noções de limites, a partir daí a criança aprende que deve ser respeitada e também respeitar. O limite não é, necessariamente, uma restrição, mas estabelece regras e uma rotina, que vão auxiliá-la a navegar pelo mundo

com mais segurança e independência.

A escola deve ser vista como uma grande aliada dos pais para o estabelecimento dos limites, pois é um dos principais espaços para a educação moral. O educador consciente de sua missão se desafia a assumir o diferente que surge entre os conflitos sociais, ele se integra à família e busca respostas adequadas e mais saudáveis ao anseio e às necessidades da criança. É a sua mística dinamizadora que motiva a criança a sonhar com um ideal de transformação social mais ajustada ao meio em que vive. A criança, aos poucos, vai se sentindo valorizada e confiante, e a relação entre ambos vai se transformando numa relação de amizade e, dessa maneira, o trabalho se realiza de forma afetiva e gratificante.

Assim, juntos, pais e educadores devem buscar o equilíbrio de ações da criança difundindo a adesão ao comportamento desejável dela, o que passa por grandes doses de compreensão, amor, carisma e participação no ato de educar. Essa compreensão favorece a criança em todos os seus atos, levando-a a ser um agente de transformação, que interage para a formação de uma pessoa melhor, preparada para atuar em uma sociedade mais justa e solidária.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. *Professor bonzinho= aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula.* 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto.* São Paulo: Gente, 2001

CHAUÍ, M. **Público, privado, despotismo**. In: Ética. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DEVRIES, R.; ZAN, B. **Ética na Educação Infantil: o ambiente sócio-moral na escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FRAIMAN, Leo. **A Síndrome do Imperador***.* São Paulo: FTD, 2019.

LA TAILLE, Y. de. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 1998.

TIBA, Içami. **Quem ama Educa**. São Paulo: Gente, 2002.

WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Disciplina, construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 14. ed. São Paulo: Libertad, 2001.